



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ANDREZA KAISA DOS SANTOS GOMES

**POLÊMICAS DESQUALIFICADORAS E PROCESSOS INTERATIVOS DE
LETRAMENTOS: REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO CRÍTICO-DIGITAL NO
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Recife
2023

ANDREZA KAISA DOS SANTOS GOMES

**POLÊMICAS DESQUALIFICADORAS E PROCESSOS INTERATIVOS DE
LETRAMENTOS: REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO CRÍTICO-DIGITAL NO
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português – Licenciatura como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia Virgínia Martins Pereira

**Recife
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Gomes, Andreza Kaisa dos Santos.

Polêmicas desqualificadoras e processos interativos de letramentos:
reflexões sobre o letramento crítico-digital no ensino de Língua Portuguesa /
Andreza Kaisa dos Santos Gomes. - Recife, 2023.

62 p. : il., tab.

Orientador(a): Sônia Virgínia Martins Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura,
2023.

1. Polêmicas desqualificadoras. 2. Tecnodiscurso. 3. Letramento crítico-
digital. I. Pereira, Sônia Virgínia Martins. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

ANDREZA KAISA DOS SANTOS GOMES

POLÊMICAS DESQUALIFICADORAS E PROCESSOS INTERATIVOS DE
LETRAMENTOS: REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO CRÍTICO-DIGITAL NO
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras/Português.

Data: 15/09/2023

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Sônia Virgínia Martins Pereira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Examinador

Me. Renata Valéria de Araújo Lima
Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPE)

À minha mãe e ao meu pai, por terem me possibilitado sonhar os sonhos mais distantes e por se fazerem presentes na realização de cada um deles. Por serem, em mim, a melhor parte de quem sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a força maior que tem me guiado desde o início da minha existência. A quem devo a esperança da realização de sonhos, ainda que possam ter se mostrado distantes tantas vezes. Ao universo, por sempre conspirar a meu favor ao colocar tantas pessoas incríveis em minha jornada.

Aos meus pais, **Adilma** e **Josuel**, por toda a dedicação que tem sido direcionada a mim durante todos esses anos. Pelo amor imensurável que têm me sido dado e por todas as vezes que renunciaram aos seus próprios anseios para que eu pudesse alcançar os meus. Por terem sido meu porto seguro todas as vezes que eu pensei em desistir e por tomarem também para si os meus sonhos.

Aos meus irmãos, **Andréa** e **Josemberg**, por acreditarem em mim e na minha capacidade de conseguir chegar até aqui. Por demonstrarem tanto carinho e felicidade por cada conquista que tive nessa fase da minha vida.

Às minhas primas, **Anielly**, **Lara** e **Juliana**, pela força direcionada a mim nos momentos de insuficiência e questionamentos de mim. Por todos os momentos divididos durante esses anos que, sem dúvida, construíram o meu *eu*.

À minha **família**, que esteve comigo desde o início desse sonho e segue caminhando junto a mim na finalização deste ciclo. Em especial, à minha tia **Adelma** (*In memoriam*), que não deixou de acompanhar nenhuma fase da minha vida enquanto esteve aqui e me apoiou em cada uma delas.

Ao meu amor, **Matheus**, que me acompanha desde o início dessa estrada acadêmica e me acalma nos momentos de aflição. Pelo amor sincero que tive a honra de conhecer, nesse encontro lindo de nós. Por fazer desse caminho, tantas vezes difícil, algo mais leve.

Agradeço à **Prof.^a Dr.^a Sônia Virgínia Martins Pereira**, por ter me possibilitado, no início do curso, o encontro com a pesquisa científica e com a linguística. Pelos laços criados, entre a academia, a pesquisa e os afetos que nos atravessaram nessa caminhada. Agradeço pelo apoio contínuo durante esses anos, em cada orientação. Por ter abraçado minhas ideias e encaminhá-las para a realização e por ter me guiado na elaboração deste trabalho. Sou grata a todas as oportunidades que só foram possíveis devido ao nosso encontro, na universidade.

À minha querida amiga, **Me. Renata Valéria de Araújo Lima**, por ter me acalmado em momentos de ansiedade durante a apresentação de trabalhos acadêmicos e por ter aceitado fazer parte da finalização desta etapa tão importante em minha vida.

Aos meus colegas de turma, por partilharem tantos conhecimentos durante o percurso da graduação. Especialmente, às minhas amigas, **Larissa e Yasmim**, por estarem comigo diariamente, dividindo os momentos felizes e difíceis. Sou grata pelo nosso encontro, tão único e terno. Por todas as vezes que dividimos nossas aflições, em meio aos tempestuosos sentimentos ocasionados pela universidade. Obrigada por se fazerem presentes, em um ambiente que por vezes se faz tão distante.

Ao meu querido amigo, **Everton**, por dividir comigo tantos desejos em comum e por ser minha eterna dupla de linguística. Por me ajudar em todas as vezes que duvidei de mim.

À **Vitória e Bruna**, que são meu ponto de paz desde o ensino médio. Sou extremamente grata por tantas coisas vividas. Por sermos nós, mesmo após tanto tempo ter passado. Agradeço por todas as vezes que, mesmo inconscientemente, me impulsionaram a chegar aqui, onde hoje me encontro.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa **Rede de Estudos Dialógicos (RED)**, por todos os compartilhamentos e discussões tão necessárias. Por ampliarem o meu olhar para as tessituras da linguagem e sua relação com o mundo.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pelo financiamento de experiências tão únicas no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

À **Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação (Propesqi)** da UFPE, por ter me possibilitado adentrar na pesquisa científica e por aguçar meu senso crítico para os inúmeros fenômenos da linguagem.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão aos **Governos Lula e Dilma**, cujo incentivo à educação e à pesquisa me possibilitaram ser quem sou hoje, enquanto professora e enquanto ser humano.

*“Aquilo que ainda vai ser depois - é
agora. Agora é o domínio de agora. E enquanto
dura a improvisação eu nasço.”*

– Clarice Lispector, em *Água viva*.

RESUMO

O discurso digital carrega singularidades que se diferenciam das interações que ocorrem fora da *web*, em perspectiva pré-digital, o que aponta para a necessidade de se considerar as particularidades dessa esfera de interação discursiva, sob uma concepção pós-dualista da linguagem. À vista disso, este trabalho objetiva analisar as polêmicas desqualificadoras, envoltas em processos e peculiaridades do tecnodiscurso, como possibilitadoras de um trabalho teórico-metodológico sobre o letramento crítico-digital, nas aulas de Língua Portuguesa. Para isso, escolhemos o ecossistema *Instagram* como ambiente a ser estudado, selecionando três perfis verificados e suas postagens que compuseram o *corpus* expandido, que gerou o *corpus* restrito. Este utilizado para tecer considerações sobre as polêmicas desqualificadoras e o tecnodiscurso, pois evidenciou mais consistentemente o nosso objeto de pesquisa. Assim, com base nos conceitos-categorias de análise advindos dos estudos de Paveau (2021) e Amossy (2017), selecionamos 4 (quatro) publicações completas, com seus respectivos comentários, e realizamos uma análise descritivista-interpretativista pautada no perspectivismo em rede, como proposto por Malini (2016) e Recuero (2009). Os resultados obtidos apontam para o fato de que, ainda que a polêmica possua uma função social importante limitada à esfera democrática (Amossy, 2017), no ambiente digital a busca incessante por engajamento transforma o diálogo em troca de insultos. Para que tal fenômeno ocorra, observamos que determinados recursos retóricos e provenientes do próprio ambiente digital facilitam a ciberviolência discursiva, ainda que o *Instagram* institua configurações que busquem minimizar tais confrontos, como a limitação de comentários. Dessa forma, identificamos a necessidade de que o trabalho com as TDIC, nos processos do ensino de práticas de linguagem, seja pautado em um *continuum* do letramento (Janks, 2018), que considere tanto os aspectos constitutivos do ambiente digital, quanto a dimensão crítica dos discursos circulados *on-line*. Isso porque, além dos documentos curriculares oficiais demonstrarem a necessidade de uma abordagem crítica da cultura digital, não há a possibilidade de haver um letramento digital responsável sem que sejam desenvolvidas noções críticas acerca de seu funcionamento, no ambiente digital, que favorecem as interações tecnolinguageiras.

Palavras-chave: Polêmicas desqualificadoras. *Tecnodiscurso*. Letramento crítico-digital.

ABSTRACT

The digital discourse consists of singularities that differ from interactions occurring outside the web, in a pre-digital perspective, which points to the need to consider the particularities of this sphere of discursive interaction, under a post-dualist conception of language. In view of this, the present paper aims to analyze the disqualifying polemics, involved in processes and peculiarities of technodiscourse, as enabling a theoretical-methodological work on critical digital literacy, in Portuguese Language classes. For this, the *Instagram* ecosystem as the environment to be studied was chosen, selecting three verified profiles and their posts composed the expanded corpus, which generated the restricted corpus. This was used to make considerations about the disqualifying polemics and the technodiscourse, as it showed more consistently our research object. Thus, based on the concepts-categories of analysis arising from the studies by Paveau (2021) and Amossy (2017), we selected 4 (four) complete publications, with their respective comments, and carried out a descriptive-interpretative analysis based on network perspectivism, as proposed by Malini (2016) and Recuero (2009). The results point to the fact that, although controversy had an important social function limited to the democratic sphere (Amossy, 2017), in the digital environment, the incessant search for engagement transforms dialogue into an exchange of insults. For this occur, we observe that certain rhetorical resources and those coming from the digital environment facilitate discursive cyberviolence, even though *Instagram* institutes configurations that seek to minimize this type of confrontations, such as comment limitations. Therefore, it was identified the need for work with TDIC, in the processes of teaching language practices, to be based on a continuum of literacy (Janks, 2018), which considers both the constitutive aspects of the digital environment and the critical dimension of the speeches circulated online. This is because, in addition to official curriculum documents demonstrating the need for a critical approach to digital culture, there is no possibility of having responsible digital literacy without developing critical notions about its functioning in the digital environment, which favor technological interactions.

Keywords: Disqualifying polemic. Technodiscourse. Critical digital literacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pasta de arquivamento no <i>Google Drive</i>	40
Figura 2 – <i>Print</i> 1 das diretrizes de usuário da rede social <i>Instagram</i>	43
Figura 3 – <i>Print</i> 2 das diretrizes de usuário da rede social <i>Instagram</i>	43
Figura 4 – A pergunta como recurso retórico de viralidade	49
Figura 5 – A pergunta como recurso retórico de viralidade 2	49
Figura 6 – Comentários ao <i>post</i> da figura 4	50
Figura 7 – Comentários ao <i>post</i> da figura 5	50
Figura 8 – <i>Investigabilidade</i> e cultura do cancelamento	53
Figura 9 - Caráter passional da polêmica	54
Figura 10 – Espetacularização e padrão semiótico	54

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Confrontos democráticos	36
Esquema 2 – Confrontos violentos	37
Esquema 3 – Perspectivismo em rede	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro-síntese das modalidades argumentativas	27
Quadro 2 – Conceitos-categorias da ADD	35
Quadro 3 – Critérios de seleção	39
Quadro 4 – Análise formal dos perfis	39
Quadro 5 – Particularidades na constituição dos perfis	46
Quadro 6 – Quadro referencial	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADD – Análise do Discurso digital

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

TDM – Tecnologias Digitais Móveis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Questões norteadoras da pesquisa	19
1.2 Objetivos e organização textual-discursiva	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 O tratamento da língua a partir de uma filosofia dialógica da linguagem	21
2.2 O discurso nativo digital	23
2.3 A modalidade argumentativa polêmica e a desqualificação do outro	26
2.4 A BNCC e os letramentos	29
2.5 Letramento crítico-digital e fatores educacionais mediados pelo discurso polêmico	32
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 Conceitos-categorias de análise	35
3.2 Investigação perspectivista de análise de redes	37
3.3 Seleção do corpus de análise	39
3.4 Formação das categorias de análise	39
3.5 Dispositivos de análise	40
4 ANÁLISE DOS DADOS	41
4.1 O ecossistema Instagram	41
4.2 Diferenças gráficas, discursivas e interacionais entre os perfis	45
4.3 A pergunta como recurso retórico de viralidade	48
4.4 Especificidades do digital e desqualificação do outro	52
4.5 Possibilidades para um letramento crítico-digital nas aulas de Português	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

O discurso digital apresenta especificidades que se diferenciam das interações que ocorrem fora da *web*, sendo necessário trabalhar essas novas interações on-line e off-line sob uma concepção que ultrapasse a visão logocêntrica. Nessas relações discursivas são percebidas implicações que estão para além de uma ordem estritamente linguística e que contribuem para a construção de sentidos, sem a distinção clássica entre verbal e não verbal. Dessa forma, observamos o que Paveau (2021) evidencia como *ecologia do discurso*, em que é considerado não apenas o languageiro, mas todo o ambiente no qual o discurso se realiza. Para a autora, “os discursos são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados apenas a partir da matéria languageira, mas sim como *compósitos, que integram o languageiro e o tecnológico*” (p. 159, *grifo nosso*). Isso indica que o ambiente digital possui uma natureza híbrida, em que novos modos de interação são criados, recriados e inter-relacionados, devido à própria arquitetura do ambiente.

Nesse mesmo sentido, entendemos que há um *continuum* formado por discurso, contexto, linguagem e tecnologia, não havendo a possibilidade de uma análise, em ambiente digital, que não leve em consideração todas as facetas pertencentes ao tecnodiscurso¹ e ao ambiente no qual ele é produzido. Por isso, em uma análise do discurso digital, são considerados fatores humanos e não humanos, o que demonstra que, para além das distinções verbal/não verbal e gênero/suporte, outros fatores são equacionados e importam para esse tipo de discurso, já que a própria rede o constitui. Isso não implica dizer que os estudos anteriores à Análise do Discurso Digital (ADD) não são importantes. Pelo contrário, é a partir de estudos pré-digitais sobre texto, gênero e discurso que a ADD ganha força, ampliando as perspectivas e demonstrando novas possibilidades de pensar a língua/linguagem.

Ao considerar que os discursos nativos do ambiente digital possuem características diferentes dos que circulam fora dele, fica evidente a necessidade de haver um maior direcionamento crítico acerca de como são desenvolvidos os processos de comunicação digital na *web* e de como as características presentes

¹ O discurso digital nativo é o “conjunto das produções verbais elaboradas *on-line*, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita.” (Paveau, 2021, p. 28).

nas mídias digitais podem, muitas vezes, acentuar/facilitar confrontos violentos. Seara (2021) já evidencia que o caráter expoente do número de perfis localizados nas redes sociais impele a equacionar os modos de construções tecnodiscursivas e interacionais nesse espaço público e não linear e pontua o fato de que “o espaço virtual configura um *locus* livre” (p. 386), o que aponta para a necessidade de ampliar o modo de análise dessas interações tecnolinguageiras². Dentre tais construções, percebemos que os processos e as peculiaridades do tecnodiscurso (Paveau, 2017), característicos das mídias digitais, promovem e viabilizam a ciberviolência discursiva³ e a alta circulação de polêmicas desqualificadoras, visto que as interações que são realizadas por meio dos processos discursivos da linguagem compõem um conjunto de possibilidades que podem suscitar as mais variadas polêmicas, nos termos de Amossy (2017).

Ao trabalhar o funcionamento discursivo da argumentatividade, a autora aponta seis modalidades argumentativas que são conceituadas como “tipos de trocas argumentativas que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona tanto num quadro dialogal quanto num dialógico” (Amossy, 2008, p. 232 *apud* Cavalcante *et al.*, 2020, p. 42). Nesse *continuum* argumentativo, Amossy evidencia a modalidade polêmica, tomada aqui como “uma modalidade argumentativa” (Amossy, 2017, p. 67), enquanto circunscrita em um campo democrático que suscita a dicotomização entre os envolvidos em diferentes pontos de vista. Nesse viés, a polarização se torna o ponto alto dessa modalidade, em que os discursos se situam em determinado tempo, espaço e ecossistema - nesse caso, o digital.

Ao se tratar do ensino de língua e linguagem, é preciso pôr em evidência uma língua que é um “conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas” (Marcuschi, p. 61, 2018) e que é, portanto, mutável, contrariando perspectivas que

² Interações que ocorrem mediante as especificidades da arquitetura do ambiente digital, considerando sua natureza compósita, dialogal, relacional e integradora.

³ Paveau (2021) adota uma classificação das modalidades tecnodiscursivas que produzem a violência verbal. Tal classificação ultrapassa a transposição de conceitos pré-digitais, pois se situa na interface das formas técnicas e dos domínios semânticos da violência, no ambiente digital. Assim, ela apresenta seis parâmetros tecnodiscursivos: i. o anonimato-pseudonimato; ii. o efeito de ausência e a cultura do quarto; iii. o efeito *cockpit*; iv. o deslocamento da relação de poder; v. a inseparabilidade; e vi. a viralidade. Apesar de Amossy (2017) não trabalhar com o termo ciberviolência discursiva, ela também traz considerações sobre as relações entre a polêmica e a violência verbal das discussões na internet. Afirma, nesse sentido, que “a discussão inflamada violenta tem sido geralmente percebida como um componente verbal desregrado libertado de qualquer inibição que tende a emergir nas interações face a face eletrônicas e que compreende injúrias, insultos e uma linguagem ultrajante” (Amossy, 2017, p. 174).

tomam como base estudos estritamente estruturalistas. Isso significa que, ainda que a interação humana se dê a partir de discursos organizados por meio de estruturas típicas da língua, o estruturalismo enquanto estudo imanente da língua não comporta sua complexidade discursiva, visto que é necessário estar ciente e totalmente imerso no contexto em que a ação comunicativa ocorre para compreendê-la, como é o caso dos discursos nativos da rede e da argumentação polêmica. Isso evidencia que a linguagem está a serviço de quem a produz, constituindo-se e construindo-se a partir do contexto sociointerativo e discursivo no qual está inserida.

A inegável presença de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na vida cotidiana impõe que o ensino de práticas de linguagem esteja também voltado para os contextos interacionais próprios do ambiente digital, pois as interações e os discursos nele realizados são construídos juntamente a um fator não presente no pré-digital: a máquina. Assim, essa inter-relacionalidade entre máquina e discurso pressupõe uma nova concepção de linguagem, a qual deve considerar a máquina enquanto constituinte das interações tecnolinguageiras e construções tecnodiscursivas e não como um mero suporte. Por isso, uma nova perspectiva teórico-metodológica se faz necessária, de modo a considerar os novos fatores presentes nos ecossistemas digitais.

No quadro de ensino de língua portuguesa, no Brasil, os documentos e propostas curriculares oficiais, desde o final da década de 1990, já aderem a perspectivas teóricas e aplicadas pós-estruturalistas, em especial, enunciativo-discursivas, em que as práticas de linguagem são priorizadas, em relação a um ensino unicamente metalinguístico (Pereira, 2017). Essas práticas podem envolver produções linguageiras em diferentes campos de atividade humana, entre os quais, o campo digital. Nesse cenário, essas práticas de linguagem, no ambiente digital, tomam lugar importante no ensino, em razão do grande acesso de adolescentes, jovens e adultos a essa esfera de comunicação.

Ao adequar o ensino de Língua Portuguesa a essas mudanças linguísticas, discursivas e enunciativas da linguagem, promovidas pela ascensão do digital, possibilita-se um encontro entre os estudos teóricos do meio acadêmico e a prática em sala de aula, além de democratizar o acesso dos estudantes a um ensino integrador, que considere as práticas sociais nas quais eles estão inseridos, a

exemplo do letramento digital. Entretanto, ainda que a proposta curricular mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), evidencie como necessária uma aprendizagem significativa que leve em consideração a cultura digital, pouco se vê as mídias digitais como possibilitadoras de acesso a um letramento crítico, promovido mediante as especificidades do tecnodiscurso, a partir de uma perspectiva *pós-dualista*⁴.

Devido a essa visão reducionista, a cultura digital, como é trazida pela BNCC, torna-se um campo abstrato, sem levar em consideração as questões polêmicas, em suas manifestações linguísticas e discursivas, que estão imbricadas nas interações em ambientes digitais, especialmente, em redes sociais. Nisso, faz-se necessário ampliar, na sala de aula, abordagens dos gêneros e discursos digitais que ainda se fazem sob uma perspectiva pré-digital e os processos pelos quais essas modalidades de textos, próprias das atividades tecnolinguageiras, podem contribuir para o letramento crítico dos alunos, em relação a polêmicas desqualificadoras. Portanto, devido à entrada, em certa medida, da tecnologia e das mídias digitais na vida, nas escolhas, nos posicionamentos e nos modos de agir das pessoas, há a necessidade de um direcionamento pedagógico que alie linguagem e tecnologia e promova uma imersão digital pautada no letramento crítico.

É impossível não notar que as relações sociais, na contemporaneidade, têm se moldado a essas práticas tecnolinguageiras, retóricas e tecnodiscursivas que permeiam as redes sociais e que, muitas vezes, não há um discernimento social sobre como essas práticas influenciam diretamente diversas esferas da vida cotidiana, o que pode promover incontáveis problemas sociais, no que tange às relações humanas, que são ocasionados por atitudes não responsáveis em rede. Dessa forma, ter um direcionamento crítico e conseguir identificar, compreender e interpretar essas interações torna-se indispensável, visto que observamos intensa imersão em tantas informações não lineares sem que haja percepção sobre a influência da programação algorítmica e estruturação dessas mídias, que garantem determinadas especificidades aos discursos no âmbito digital.

A pesquisa atual propõe um estudo das nuances relacionadas ao modo da interação discursiva e comunicação verbal, no ambiente digital, com foco em

⁴ Visão em que não se distingue o linguístico do extralinguístico. Do mesmo modo, não se pode neutralizar a máquina e transferir toda a responsabilidade da criação linguageira ao humano - em uma perspectiva logocêntrica. Há um caráter relacional e integrador que inscreve-se em uma prática ecológica da linguagem, subvertendo o dualismo linguístico (Paveau, 2021).

polêmicas desqualificadoras, de modo a postular de que maneira tais especificidades, que modulam os posicionamentos e as interações tecnodiscursivas presentes no cotidiano, das redes sociais, podem ser inseridas no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Isto possibilitará a reflexão com relação a metodologias de análise da ciberviolência e percepção crítica da esfera escolar diante das interações nas redes, bem como maior inter-relação entre o espaço educacional e os novos modos de interação, nos quais os alunos estão inseridos, na vida cotidiana. Assim, há a possibilidade de expandir as noções, até pouco tempo pré-digitais, sobre aspectos linguísticos e discursivos, promovendo também impacto no desenvolvimento na área do ensino de línguas, da Linguística e das ciências humanas, de modo geral.

1.1 Questões norteadoras da pesquisa

Com base nas abordagens teóricas expostas, buscamos a formulação de questões que venham a ser respondidas no desenvolvimento da pesquisa e assinalam a preocupação em compreender: (i) de que maneira os processos interacionais envolvidos nos laços coletivos que se voltam para a propagação de polêmicas desqualificadoras podem fomentar um letramento crítico/digital nas aulas de Língua Portuguesa?; (ii) como tratar, no ensino, a ecologia discursiva digital, a partir de uma perspectiva pós-dualista da linguagem?; (iii) de que maneira pode-se trabalhar pedagogicamente estratégias linguístico-discursivas construídas no discurso de agressividade e exacerbação, em comentários de postagens? Tais questionamentos estão voltados para as incertezas que ainda são constantes ao se tratar do letramento digital e dos sistemas operacionais que são imprescindíveis para compreender a dimensão languageira. Isso porque, ainda que imprescindível, o estudo e aprofundamento das novas tecnologias ainda é incerto, necessitando de novos métodos de análise e de uma nova concepção de linguagem que dê conta da ecologia do discurso digital.

1.2 Objetivos e organização textual-discursiva

Neste trabalho, objetivamos analisar as polêmicas desqualificadoras, envolvidas em processos e peculiaridades do tecnodiscurso, como possibilitadoras de um trabalho teórico-metodológico sobre o letramento crítico-digital, nas aulas de Língua

Portuguesa. Para isso, será necessário: (i) observar perfis e acontecimentos polêmicos com amplo engajamento no *Instagram*, para mapeamento de interações tecnolinguageiras que visam à desqualificação do outro; (ii) caracterizar movimentos enunciativos do tecnodiscurso determinantes de posicionamentos coletivos que insuflam a ciberviolência, por meio das relações de compartilhamentos, réplicas, inscrições, comentários, favoritadas, curtidas e outras; (iii) refletir sobre os processos didático-pedagógicos pelos quais as polêmicas desqualificadoras podem ser tomadas como objetos de ensino nas aulas de Língua Portuguesa, a partir de tecnôgêneros do discurso⁵.

Para melhor organização textual-discursiva, este trabalho está estruturado em 5 (cinco) principais seções, com subseções que compõem algumas delas. A primeira seção, responsável por introduzir o assunto, apresenta um panorama geral sobre o tema que será trabalhado na pesquisa, traçando os principais conceitos, perguntas norteadoras e objetivos geral e específico que guiam a construção do trabalho. Na segunda seção, temos a fundamentação teórica da pesquisa, subdividida em 5 (cinco) subseções que organizam o percurso teórico que serviu de base para as discussões travadas no decorrer do texto: (i) o tratamento da língua a partir de uma filosofia dialógica da linguagem; (ii) discurso nativo digital; (iii) a modalidade argumentativa polêmica e a desqualificação do outro; (iv) a BNCC e os letramentos; (v) letramento crítico-digital e fatores educacionais mediados pelo discurso polêmico. A terceira seção, por sua vez, apresenta os procedimentos metodológicos necessários para a coleta e análise dos dados, de modo a considerar a natureza qualitativa, sob perspectiva descritivista e interpretativista da pesquisa. Já na quarta seção, iniciamos as discussões e a análise dos dados, subdivididas em 6 (seis) subseções: (i) ecossistema *Instagram*; (ii) diferenças gráficas, discursivas e interacionais entre os perfis; (iii) A pergunta como recurso retórico de viralidade; (iv) ampliação enunciativa e desqualificação do outro; (v) investigabilidade e ciberviolência discursiva; (vi) possibilidades para um letramento crítico-digital nas aulas de Português. Por fim, na quinta seção são apresentadas as considerações finais do trabalho, na qual ocorre a sintetização das ideias discorridas no todo do trabalho, reflexão sobre novas possibilidades de pesquisa e indicação de algumas

⁵ “gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico.” (Paveau, 2021, p. 328).

contribuições do estudo para as áreas da Linguística e Análise do Discurso Digital e para o ensino de Língua Portuguesa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O tratamento da língua a partir de uma filosofia dialógica da linguagem

Estudos aliados à perspectiva dialógica⁶ da linguagem concebem a interação social como fator necessário para compreender e analisar questões linguísticas que estão envoltas e aliadas aos modos de significação dos sujeitos, visto que, como afirma Volóchinov (2017 [1929]) em uma de suas abordagens, o sentido das coisas é dado ao homem pela linguagem, sendo o enunciado o produto da interação de indivíduos organizados socialmente. Desse modo, a partir da análise de sua estrutura, o teórico russo pontua que o valor de um enunciado é determinado pelos processos interacionais possíveis que a língua estabelece com a realidade, com os indivíduos e seus enunciados e não com a língua como sistema estritamente linguístico.

Logo, todo enunciado é um diálogo infinito e pertence a um enunciado ininterrupto, pelas palavras alheias que o atravessam. Por isso a linguagem é vista como fenômeno social, em sua associação ao fluxo da comunicação verbal. Tal perspectiva reafirma a ideia de uma língua interativa, a qual é influenciada por aspectos que não podem ser estudados a partir de uma análise imanente e restrita à estrutura, cujos fatores externos são desconsiderados..

Volóchinov ([1929] 2017) é assertivo ao pontuar que cada período histórico e cada sociedade têm seu acervo de formas de discurso que refletem a vida cotidiana e tal acervo é absorvido pelos indivíduos, que, ao nascerem, deparam-se com um mundo já discursivizado por alguém, articulado e elucidado de variados modos. Ao apreender o discurso do outro, a pessoa é constituída por palavras interiores. A palavra, no sentido de discurso, revela um espaço no qual são explicitados e confrontados os valores de uma dada sociedade, o que indica o inacabamento da linguagem, uma vez que esta é um projeto em movimento.

⁶ A concepção dialógica da linguagem surge como forma de afirmar que em todo contexto enunciativo existem relações ou existem para relações outras, constituído e representado por relações de sentido entre enunciados. A enunciação é evidenciada pelas determinantes relações sociais, sendo o dialogismo a representação do confronto de valores e diferentes visões sobre um determinado objeto, considerado um princípio consolidador das teorias e reflexões bakhtinianas (Almeida; Viana, 2022).

Tal concepção aclara o entendimento que se pode ter em se tratando das interações sociais nas redes, em que a necessidade por engajamento molda a forma como essas interações passam a ser realizadas, muitas vezes, de forma agressiva, pois, como afirma Paveau (2021), a viralidade “reforça os efeitos pragmáticos dos discursos da ciberviolência” (p. 72). Além disso, os discursos que se pautam em questões polêmicas da atualidade também se inserem no âmbito da busca por engajamento, uma vez que esse discurso é, muitas vezes, espetacularizado para que haja um notório alcance de pessoas, devido ao caráter lúdico da polêmica (Amossy, 2017).

As vozes sociais que antecedem determinado ato de linguagem estão presentes na palavra de quem a profere, pois os signos sustentam a consciência individual e não são privados de seu conteúdo semiótico e ideológico. Logo, a língua é inseparável do fluxo da comunicação verbal, da interação discursiva. Em Volóchinov ([1929] 2017), o diálogo ultrapassa a ideia da interação face a face, de alternância de vozes e se estabelece no encontro e na incorporação de vozes, situado historicamente em determinado tempo e espaço. Nessa compreensão, múltiplas vozes sociais povoam a atividade mental individual.

Nessa percepção, entende-se que a ideologia se mostra enquanto constituinte de sua filosofia da linguagem, demonstrando que o produto ideológico é, para além de objeto, um signo, pois há um sistema de representação e significação, sendo tais percepções necessárias ao estudo da linguagem:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. *Onde não há signo também não há ideologia* (Volóchinov, [1929] 2017, p. 91, *grifos do autor*).

Assim, para o teórico russo, um enunciado não pode ser apartado de sua natureza social, pois não há enunciado isolado, uma vez que ele abarca aqueles que o antecederam e aqueles que o sucederão, além de refletir e refratar realidades por meio de signos que são, essencialmente, ideológicos. Portanto, aprisionar-se em percepções fechadas que visualizam a língua como um conjunto de signos codificados limita a complexidade do seu caráter interacional, contextual e

ideológico. A discussão sobre violência discursiva nas interações tecnolinguageiras requer assumir uma noção de linguagem que ultrapasse tais concepções reducionistas sobre a língua.

2.2 O discurso nativo digital

Em meados da década de 1990, com a ampliação dos meios de comunicação e emergência da *web*, um novo modo de linguagem já começava a surgir, com hipermídias, hipertextos e hiperlinks que necessitavam de um entendimento dos usuários para serem utilizados de maneira situada. Nesse cenário, já se observava uma linguagem não linear e textos que possuíam um novo formato, na sua composição. Posteriormente, com o surgimento da *web 2.0*, novos modos de interação foram estabelecidos, dando margem para uma linguagem singular e própria do ambiente virtual, o que foi intensificando-se com a grande popularização do acesso à internet, por dispositivos móveis.

Diferentemente de como se utilizava no início, a *web 2.0* possibilita um ambiente que, por vezes, mescla-se com a vida real, fora das telas, de seus usuários, já que o suporte não é mais fixo, como nas décadas anteriores. Santaella (2021) chama esse surgimento e aumento das Tecnologias Digitais Móveis (TDM) de *era da conexão contínua*, afirmando também que esses espaços são híbridos, pois “colocam em sincronia as movimentações nos espaços físicos com as navegações pelas redes informacionais, portanto, mobilidades que se cruzam na constituição da hipermobilidade” (p. 19). Tal constatação demonstra que o ambiente digital é uma rede altamente dialogal, em que a interface constitui-se de elementos do mundo virtual e do mundo físico, não havendo, muitas vezes, barreiras que delimitam esses dois espaços.

No que concerne à linguagem, novas áreas de estudos têm se voltado para a análise desses novos modos interacionais, como a análise do discurso digital, que se volta, especificamente, para as construções discursivas próprias da *web*. Paveau (2021) afirma que “falar em tecnodiscurso, em tecnolinguagem ou em análise tecnolinguística é, portanto, inscrever-se numa prática ecológica e pós-dualista da linguística.” (p. 31), ou seja, reconhece-se o fato de que os agentes não humanos que fazem parte da *web* devem possuir um papel muito importante para a ciência da linguagem e para a análise das implicações de recursos e de programas, mediados

por máquinas, em certos posicionamentos sociais e atitudes frente a determinadas situações.

Os algoritmos⁷, por exemplo, são fortes indícios de que essas relações não podem ser analisadas, apenas, a partir de uma perspectiva pré-digital, já que no plano linguístico eles podem ser considerados agentes de coerção discursiva e de instrução semântica (Paveau 2021). Essa ideia está pautada no fato de que os algoritmos visibilizam, ou não, determinadas publicações em rede, instruindo posicionamentos, ações e interações por parte dos usuários. Nessa lógica, os perfis se moldam a certos padrões que são tidos como compatíveis com o impulsionamento algorítmico, no intuito de alcançar um considerável número de escritores. Ou seja, a natureza compósita das mídias digitais viabiliza um novo modo de enunciação, facilitando, por meio das especificidades do discurso digital, a ciberviolência discursiva, muitas vezes pautada na propagação da polêmica.

Com a coleta e organização de dados, em meados de 2010, surge uma nova *web* que amplia a interação multi-agentes da *web 2.0*, cunhada como *web 3.0* e também conhecida como *web* dos dados ou *web* semântica. Nela, há o armazenamento de dados em decorrência dos metadados⁸, privilegiando as conexões móveis (Paveau, 2021). Há, ainda, discussões acerca da emergência da *web 4.0*, sendo essa, nos termos de Paveau (2021), uma *web* inteligente ou *metaweb*. Considerando a rapidez com que esses novos formatos surgem, é impossível padronizar e estagnar os modos de análise e interação da comunicação on-line, pois a dialogicidade do ambiente não permite abordagens homogeneizadoras e estáticas.

Ainda sobre a necessidade do estudo tecnolinguístico do algoritmo, é imprescindível analisar as relações de poder que se estabelecem a partir dessa indissociabilidade entre discurso, ideologia e processos relacionados às ferramentas de programação da *web*. Ao associar os hiperlinks, concebidos como constituintes de dados languageiros que também devem obter a atribuição de um traço

⁷ “Os algoritmos são sequências de instruções semânticas que permitem a solução de problemas. Na internet, eles permitem resolver o problema do tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a, etc. Para isso, eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão inviabilizadas. (Paveau, 2021, p. 39)

⁸ São dados sobre outros dados presentes nas interfaces tecnológicas. Ou seja, dados que detalham ou acrescentam informações com relação a um dado principal.

algorítmico, a essas noções de autoridade, argumentamos que há um deslocamento de critérios de legitimidade e de poder do discurso, antes associados a uma escala vertical, para uma ampliação norteada por uma inteligência coletiva que se relaciona com as interações, trocas e avaliações dos usuários de redes sociais e outros ambientes digitais, a partir da horizontalidade dos links (Paveau, 2017). Desse modo, a detenção do poder discursivo se dá a partir do domínio do fazer *tecnodigital* e das práticas comuns das mídias digitais.

No tratamento do discurso digital, Paveau (2021) discorre sobre a necessidade de trabalhar todas as nuances aqui já apontadas, apresentando diversos conceitos, por meio de verbetes, que são intrínsecos a esse ambiente e defendendo uma posição ecológica e pós-dualista:

os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, que as determinações técnicas constroem as formas tecnolinguageiras, e que as perspectivas logo e antropocêntricas devem ser descartadas em prol de uma perspectiva ecológica e integrativa, que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções linguageiras (Paveau, 2021, p. 31).

Nesse posicionamento, que ressalta um ambiente compósito e integrador, Paveau (2021) apresenta 6 características do discurso digital nativo: 1. Composição, pois os discursos digitais nativos se constituem de uma matéria mista que reúne o linguageiro e o tecnológico; 2. Deslinearização, visto que eles não se desenvolvem em um eixo sintagmático comum do pré-digital, linearmente, mas deslinearizados por links hipertextuais; 3. Ampliação, em que eles revelam uma enunciação ampliada devido ao caráter conversacional da *web 2.0*, como os comentários; 4. Relacionalidade, porque estão sempre relacionados a outros discursos, em rede, em uma coprodução máquina, escritores e escreiteiros⁹; 5. Investigabilidade, já que na *web* nada se perde, pois, a partir de ferramentas de busca e redocumentação é possível encontrar discursos e interações que estão inscritos no próprio código; 6. Imprevisibilidade, na qual os programas e algoritmos são responsáveis por produzir discursos imprevisíveis, tanto na forma como no conteúdo.

⁹ O locutor é, em contexto digital, um usuário do tecnodiscurso e não apenas um escritor e/ou leitor da escrita digital. Os usuários se inscrevem em uma prática pós-dualista de linguagem em que os vários modos de significação convergem para a construção do discurso, de modo que os usuários coloquem em interface a leitura e a escrita, realizando as duas ações simultaneamente e de forma subjetiva. Por isso, Paveau (2021) afirma a necessidade de um novo modo de referir-se a esses sujeitos, o qual possa comportar a dinamicidade e integração dos movimentos de leitura e escrita simultâneas. Neste caso, movimentos de escreitura.

Tais características servem como base para o estudo desse ambiente, pois delimitam os aspectos que são necessários para a compreensão de uma esfera de atividade comunicativa imprevisível e totalmente diferente do que se vê no plano real de interação humana. Por isso, a comunicação e produção linguageira se dá de forma diferente, em que a construção, circulação e organização tomam novas formas, de modo a evidenciar uma arquitetura múltipla que carrega novas noções significativas. Essas noções, mediadas por signos construídos no digital, só são possíveis devido à hibridização humano-máquina que, para Santaella (2021), possuem uma mesma dinâmica multimodal e intersemiótica:

Mais do que a mimetização da dinâmica intersemiótica e fugidia do nosso pensamento, a condição *on/off* da nossa existência, ou condição *onlife*, para usar essa nomenclatura mais ajustada, entronizou-se em nosso próprio *modus vivendi* nômade, em movimentos intermitentes nos espaços físicos em simultaneidade com os espaços informacionais, sempre hiperconectados e, conseqüentemente, hiper-híbridos (Santaella, 2021, p. 47, *grifos da autora*).

Nessa hibridização, humano e máquina mantêm uma dinâmica indissociável. Assim, em interações tecnolinguageiras, a própria máquina facilita, ou promove, determinados posicionamentos e ações, mediados por modalidades argumentativas no discurso, como é o caso da polêmica. O discurso polêmico é, por natureza, pertencente à esfera democrática, pois preenche determinadas funções que são necessárias para o funcionamento de uma sociedade, o que demonstra que a divergência de opiniões e a discussão contraditória surgem enquanto necessárias (Amossy, 2017). Ainda assim, a sua função democrática pode ser negligenciada, dando espaço para novos propósitos discursivos que têm por base manipulações guiadas por características da arquitetura digital, a exemplo de polêmicas desqualificadoras, moldadas pela necessidade de confrontos virais e da não pessoalização do outro.

2.3 A modalidade argumentativa polêmica e a desqualificação do outro

O trabalho com a argumentação no discurso requer observar as possibilidades argumentativas que estão envoltas nos discursos dos sujeitos, pois o funcionamento da argumentação é modelado por modalidades argumentativas, que,

por sua vez, possuem características e estratégias distintas para influenciar o outro. Como forma de demonstrar o *continuum* da argumentatividade, Amossy descreve seis modalidades argumentativas possíveis – não sendo essa uma lista fechada. Sintetizamos, no quadro 1, tais modalidades e suas respectivas descrições, com base em Amossy (2008) *apud* Cavalcante *et al.* (2020):

Quadro 1 – Quadro-síntese das modalidades argumentativas

MODALIDADE	DESCRIÇÃO
Demonstrativa	Quando o locutor busca a adesão do(s) interlocutor(es) apresentando uma tese por meio de provas, como no artigo de opinião, no debate eleitoral, na redação do Enem, no editorial etc.
Pedagógica	Quando o locutor tenta transmitir um saber a um interlocutor que se coloca na posição de aprendiz, pelas vias do diálogo ou da troca verbal sob a forma monogerida, como nos livros didáticos, nas aulas etc.
Patêmica	Quando o locutor tenta suscitar emoções no interlocutor, como no apelo à ajuda humanitária, na defesa perante um jurado, no poema lírico, etc.
Por coconstrução	Quando os interlocutores formulam colaborativamente ou “coconstroem” a solução para o problema suscitado no coletivo.
Negociada	Quando os participantes que possuem posições diferentes debatem sobre um problema que os divide, com o intuito de chegarem a um acordo por meio da negociação dessas divergências, como em assembleias para a troca de coordenadores.
Polêmica	Debate em torno de uma questão da atualidade, essencialmente ligada ao desacordo e pertencente à

	esfera democrática. Porém, a partir de teses antagônicas, pode-se criar a confrontação violenta, que tenta desqualificar o opositor e também se dirige a um Terceiro.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Amossy (2008; 2017).

Como já elucidado, o ambiente digital pode intensificar e/ou promover determinados posicionamentos e discursos que são fortalecidos por ferramentas e programas próprios desse ambiente. Sendo assim, a modalidade argumentativa polêmica, dentre as seis elucidadas por Amossy, servirá de base para a análise dos discursos em rede desta pesquisa, uma vez que possui o caráter da ludicidade pela dinâmica de ataques e possíveis vencedores, que, em contexto digital, ganha uma nova faceta: a viralidade. Esse aspecto está atrelado, principalmente, à espetacularização do discurso polêmico, já que a troca polêmica pode se tornar um espetáculo oferecido ao público, com a intenção de promover sensacionalismo de uma imprensa que quer audiência (Amossy, 2017), como é o propósito de diversas páginas de fofoca em redes sociais.

Nesse caso, por mais que a modalidade argumentativa polêmica esteja inserida em uma esfera democrática, em que discursos opostos argumentam em prol da defesa de um ponto de vista, a intenção de polemizar está no engajamento em rede:

Insisti-se bastante, atualmente, no fato de que a troca polêmica se torna um espetáculo oferecido ao auditório. Difundido pelas mídias e dirigido ao público que se espera formar, tal espetáculo comporta um aspecto demonstrativo e, de alguma forma, teatral (Yanoshesky, 2003, p. 57 *apud* Amossy, 2017, p. 66).

Tal espetáculo, tratando-se de redes sociais, está preponderantemente pautado na desqualificação do outro, em que a polêmica, apesar de democrática, declina-se para um jogo de aliados e adversários, incitando, muitas vezes, a violência verbal. Isso demonstra que posicionamentos, ações e interações em rede são moldadas por aspectos da natureza do ambiente digital. A característica de aumento/ampliação discursiva evidenciada por Paveau (2017), por exemplo, é uma das especificidades do tecnodiscurso que facilitam e promovem a ocorrência/disseminação da ciberviolência discursiva, a qual pode ser aliada à alta

circulação e popularização de discursos na internet que ocorrem por meio de algumas ferramentas promovidas pelas redes sociais (comentários, compartilhamentos, *prints*, *likes* etc).

A pressuposição de que a característica de ampliação facilita as réplicas desqualificadoras pode ser validada ao notar-se o fato de que, atualmente, alguns recursos têm sido criados para limitar o público que pode comentar ou compartilhar *posts* (em se tratando do *Instagram*), na tentativa de diminuir a quantidade de comentários nocivos que são espalhados pela internet. Entretanto, limitar a produção de sentidos e compartilhamento de um texto em um ambiente não linear como o digital não é fácil e, por isso, essas ferramentas não conseguem comportar a rapidez e as várias formas que esses discursos têm de se propagar facilmente pelas redes.

Ao se considerar a polêmica enquanto modalidade argumentativa, os discursos voltados para a desqualificação do outro tomam um novo sentido, em que se concebe a polêmica desqualificadora como um produto moldado pelo contexto digital e pelas intencionalidades comuns às figuras públicas de redes sociais: engajamento/autopromoção. Dessa forma, entendendo o seu funcionamento, as polêmicas em rede possibilitam o desenvolvimento crítico dos escritores, pois, ainda que possa ter seu lado negativo, “é funcional nos grupos sociais em que as forças convergentes e divergentes estão sempre em interação, criando uma dinâmica que é fonte de vida” (Amossy, 2017, p. 33). Nessa dinâmica, os envolvidos no debate público se guiam pelo dissenso¹⁰, em que as partes se posicionam com argumentos plausíveis em prol de um ponto de vista sobre uma questão pública e popular. É nesse sentido que se percebe a necessidade de haver um direcionamento para essas interações polêmicas em rede, pois fica evidente que há uma linha tênue entre a polêmica como exercício democrático e como ciberviolência discursiva.

2.4 A BNCC e os letramentos

Marcuschi (2008), ao tratar do ensino de língua, produção textual e análise e compreensão de gêneros, demonstra a importância de adotar a língua enquanto um

¹⁰ Amossy (2017) toma o dissenso como um “motor incontestado da democracia” (p. 19), defendendo que não está relacionado apenas ao desacordo, mas também ao funcionamento das sociedades democráticas pluralistas.

“sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa” (p. 61). Ou seja, evidencia-se uma língua que precisa ser analisada mediante os aspectos sócio-culturais nos quais está envolvida, ainda que estruturada por um sistema que é estável - mas não imutável. Tal variabilidade está associada, principalmente, à heterogeneidade linguística que pode - e deve - ser observada nos contextos de uso reais da vida cotidiana, pois as noções de sujeito e subjetividade refratam toda e qualquer interação linguística. A BNCC (2018) também assume essa perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, fazendo menção aos diversos letramentos necessários para que haja uma participação significativa e crítica por parte do estudante, na sociedade, inclusive no campo digital. No documento, são trazidas algumas considerações importantes sobre a relação entre língua, discurso e tecnologia, como postulações acerca da *web*:

A viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que as opiniões importam mais do que os fatos em si. Nesse contexto, torna-se menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva). As fronteiras entre o público e o privado estão sendo recolocadas. Não se trata de querer impor a tradição a qualquer custo, mas de refletir sobre as *redefinições desses limites* e de desenvolver habilidades para esse trato, inclusive refletindo sobre questões envolvendo o excesso de exposição nas redes sociais. Em nome da liberdade de expressão, não se pode dizer qualquer coisa em qualquer situação. Se, potencialmente, a internet seria o lugar para a divergência e o diferente circular, na prática, a maioria das interações se dá em diferentes *bolhas*, em que o outro é parecido e pensa de forma semelhante. Assim, compete à escola garantir o trato, cada vez mais necessário, com a diversidade, com a diferença. (Brasil, 2018, p. 68, *grifos nossos*).

Como trazido pela BNCC (2018), usar a internet não significa, de fato, conhecê-la e utilizá-la de modo consciente, sendo necessária uma mediação, no âmbito escolar, para tratar esses usos de forma responsável. No documento há, ainda, menção à potencialidade da internet ser um lugar para a divergência e o diferente circular, indicando a necessidade de se saber os limites entre liberdade de expressão e discurso de ódio. Isso se dá, principalmente, pelo mau uso das redes, em que um campo democrático pode se tornar palco para a desqualificação do outro.

Essa proposição também é trazida por Amossy (2017), a qual afirma que a internet se tornou a praça pública da contemporaneidade, pois, se os embates

presenciados nos espaços públicos, em outros tempos, muitas vezes geravam confrontos físicos, nos dias atuais, a violência verbal parece ter assumido esse papel, pois, na praça pública do espaço digital é comum se reagir a pontos de vista contrários com agressividade verbal.

Nesse tempo-espaço próprio, a distância física oferece proteção a agressores, que não são combatidos fisicamente, pois nessa interação estão escondidos por multimeios tecnológicos. Usuários de redes sociais agridem pessoas públicas que estão no foco das atenções, em determinado momento, e se agridem mutuamente para manifestar opiniões contrárias. Desse modo, temos formas de violência coletiva, que ultrapassam os espaços físicos, considerando que os ambientes digitais expandem tempos e espaços, e, em consequência, as manifestações de violência tendem a se ampliar, pelos multimeios por onde os discursos podem circular no ambiente digital.

Assim, mesmo que a polêmica esteja circunscrita em uma esfera democrática e argumentativa, de modo que “as divergências de opinião podem se manifestar livremente e dar lugar a confrontos expostos aos olhos de todos.” (Paveau, 2017, p. 9), é preciso ter discernimento para compreender e participar desses confrontos. Essa necessidade está relacionada ao fato de que tais embates podem tornar-se violentos, em que a oposição de ideias de forma democrática se torna âmbito de violência verbal e insultos, como também é pontuado pela BNCC (2017).

Por isso, ao tratar do ensino de Língua Portuguesa, vemos a necessidade de se adentrar em outras áreas que não são, exatamente, do campo linguístico, mas que fazem interlocuções com o languageiro, a exemplo dos campos cognitivo, social, cultural e histórico. Apesar dessa demanda, ao observar o modo como os estudos linguísticos têm sido tratados nas aulas de língua, percebemos uma discrepância considerável entre o que é defendido na academia e em documentos oficiais e o que é, muitas vezes, aplicado em sala de aula, visto que fora dos muros acadêmicos ainda prevalece uma abordagem teórico-metodológica pautada no tradicionalismo e reducionismo linguístico que se fundamenta em noções meramente gramaticais. Essa problemática já é apontada em estudos mais antigos da Linguística Textual, como trazida por Antunes (2009):

Ainda predomina uma concepção de língua como um *sistema abstrato*, virtual apenas, desempregado dos contextos de uso, *sem pés e sem face*,

sem vida e sem alma, “inodora, insípida e incolor”. Uma língua que, nesses termos, facilmente se esgota em um estudo da morfologia das palavras e da sintaxe das frases. Ou se satisfaz nas exploração de nomenclaturas e classificações, com requintes de pormenores, beirando, na maioria das vezes, os dogmatismos infundados das abordagens simplistas (p. 34, *grifos nossos*).

Nesse sentido, há uma *língua de ninguém*, não pertencente a nenhum sujeito ou contexto discursivo-enunciativo e sócio-cultural. Devido a isso, são evidentes os malefícios educacionais e sociais ocasionados por práticas pedagógicas que não se adequam a novas perspectivas e novos estudos da linguagem, também apontados pelos documentos oficiais, como a ausência de habilidades de interpretação, compreensão e autoria textual, além de problemas pontuais propagados pelo uso acrítico dos novos modos de interação, em ambientes não analógicos, como o ecossistema digital.

2.5 Letramento crítico-digital e fatores educacionais mediados pelo discurso polêmico

A “invenção do letramento”, como mostra Soares (2004), trata-se do reconhecimento e nomeação das práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas. Ela surge a partir da necessidade de analisar e ampliar conceitos atrelados ao saber ler e escrever, já que, anteriormente, eram tidos como alfabetizados aqueles que desenvolviam habilidades de codificar e decodificar um texto – muitas vezes, limitadas à escrita do próprio nome ou à leitura de textos curtos, como bilhetes. Desse modo, ao observar tais especificidades entre a alfabetização (no sentido de conhecimento do código linguístico) e as práticas sociais, culturais e em uso de leitura e escrita (nomeadas, nesse sentido, de letramento), identificou-se a necessidade de voltar o olhar de uma forma ampliada para tais práticas - observando-as em sua complexidade. É válido destacar, também, que mesmo que a discussão tenha emergido quase que simultaneamente no Brasil e em países de primeiro mundo, as questões que permeiam tal “invenção” irão se diferenciar devido aos diferentes contextos, o que também influencia na maneira de tratar o letramento.

Segundo Marcuschi (2007), o letramento é um “processo mais geral que designa as habilidades de ler e escrever diretamente envolvidas no uso da escrita como tal. É a prática da escrita desde um mínimo a um máximo. Diz respeito a

fenômenos relativos à escrita como prática social” (p. 33). Essa reflexão delimita a leitura e escrita como habilidades que ultrapassam o código linguístico, pois estão atreladas aos usos cotidianos, das interpretações de mundo e da relação do sujeito com ele. Em estudos mais recentes, a noção de letramento é expandida, passando do singular para o plural, o que indica que há uma pluralidade de letramentos, seguindo o fluxo das mudanças sociais.

A ampliação desses fenômenos decorre das novas habilidades de leitura e escrita que se tornam necessárias para acompanhar as mudanças discursivas que acontecem mediante novos ambientes de interação, a exemplo do ecossistema digital com os movimentos de escreitura. É nesse sentido que a divisão estrita de tipos de letramentos se torna ineficaz, pois os modos de interação discursiva da atualidade demonstram a necessidade de que haja uma integração completa das práticas de leitura e escrita que fazem parte da sociedade, como a digital e a crítica. Devido a isso, defende-se aqui um letramento crítico-digital, pois não há a possibilidade de haver uma utilização responsável das mídias digitais sem que haja direcionamento crítico acerca de suas especificidades e construções discursivas.

O que foi discutido até aqui mostra a necessidade de o ensino de língua estar aliado a novas concepções e modos de interações discursivas, pautado em um *continuum* do letramento (Janks, 2018). Este autor, desse modo, disserta sobre o caráter dinâmico-social da *web 2.0*, já que há uma imersão em discursos poderosos que muitas vezes são propagados inconscientemente. Assim, analisando a polarização cibernética que se perfaz na dinamicidade e nova noção de espaço-tempo, em um aqui e agora não-físico, é possível perceber que:

esses novos meios de comunicação têm sido usados para disseminar discursos contrários, para mobilizar oposição, questionar e desestabilizar o poder. Este é o contexto dentro do qual precisamos considerar o papel do letramento crítico na educação (Janks, 2018, p. 15-16).

Tal afirmação demonstra a necessidade de aliar o ensino da língua a práticas languageiras, bem como de trabalhar os novos modos de enunciação e posicionamentos que nascem no digital, o que traz novas implicações pedagógicas para o ensino da língua. O discurso polêmico, por sua vez, ganha um papel importante nessas interações e nesse *continuum*, pois a arquitetura digital pressupõe interações mediadas, muitas vezes, por estratégias

enunciativo-discursivas que visam o alto engajamento, como as polêmicas desqualificadoras.

Em contexto digital, o dissenso, característico da polêmica, é intensificado pelas construções enunciativo-discursivas de portais de fofoca, o que desenvolve um espaço democrático no qual diferentes posições entram em confronto, embora muitas vezes a desqualificação do outro se mostre enquanto imbricada nessas construções. É nesse sentido que, pautando-se em uma Pedagogia Crítica, o ensino de língua deve promover, por parte dos educandos, reflexões necessárias em todos os âmbitos da vida, dentro ou fora da sala de aula. Tomar o ensino enquanto totalmente racionalista e não ideológico é excluir todo e qualquer aspecto crítico que possa ser desenvolvido e ampliado em sala de aula, o que foge do papel do educador, em sua essencialidade.

Desse modo, o direcionamento pedagógico aos alunos se mostra extremamente necessário, já que a mediação docente ultrapassa a transposição didática de conteúdos. Ou seja, quando concebida uma pedagogia crítica, cabe ao professor “a tarefa de estimular a visão crítica dos alunos, de implantar uma postura crítica, de constante questionamento das certezas que, com o passar do tempo, adquirem a aura e a intocabilidade dos dogmas” (Rajagopalan, 2003, p. 111-112). É nesse constante questionamento que o *continuum* do letramento se perfaz, de modo a evidenciar que há uma intensa relacionalidade entre as práticas sociais e a crítica, ainda mais ao tratar do ambiente digital e das construções polêmicas promovidas por sua ecologia.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já referido na introdução, este trabalho tem como principal foco evidenciar de que forma as polêmicas desqualificadoras podem possibilitar um trabalho teórico-metodológico sobre o letramento crítico-digital no ensino de Língua Portuguesa, mediante as especificidades do tecnodiscurso. Considerando a natureza do objeto de análise, foi necessário tecer novos métodos e procedimentos de investigação, de modo a considerar as características próprias do ecossistema digital e sua natureza compósita. Devido a isso, esta pesquisa tem como base os quadros teórico-referenciais de Paveau (2021) e Amossy (2017), que tratam sobre a

Análise do discurso digital e a Teoria da argumentação do discurso polêmico, respectivamente, e uma investigação perspectivista de análise de redes, como proposto por Malini (2016) e Recuero (2009).

3.1 Conceitos-categorias de análise

Para o trabalho com a ADD, produzimos, inicialmente, um quadro dos conceitos-categorias trazidos por Paveau (2021), com o intuito de garantir uma melhor visualização das especificidades do discurso digital que podem influenciar no modo como determinados discursos polêmicos são produzidos e disseminados em rede, como pode ser visto no quadro 2:

Quadro 2 – Conceitos-categorias da ADD

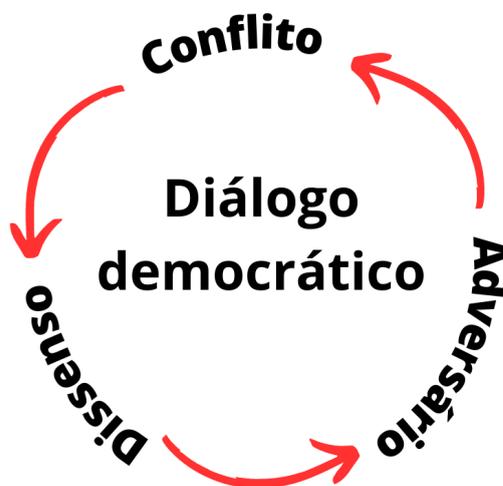
CARACTERÍSTICA	DESCRIÇÃO
Composição	Os discursos digitais nativos são compósitos devido ao hibridismo semiótico característico da rede, na qual os tecnodiscursos podem mobilizar em um mesmo momento várias semioses diferentes.
Deslinearização	O fio do discurso não é linear, pois os discursos nativos da rede são deslinearizados por hiperlinks que podem direcionar o escritor para outros discursos.
Ampliação	Com a conversacionalidade advinda da arquitetura do ecossistema digital, os discursos tendem a ser ampliados por comentários, compartilhamentos, curtidas e outras ferramentas.
Relacionalidade	Os discursos digitais nativos são altamente dialogais, pois mantêm relações diretas ou indiretas com outros discursos, em uma coprodução humano-máquina.
Investigabilidade	Os tecnodiscursos estão circunscritos em um ambiente em que nada se perde, pois os metadados lhes são interiores, ou seja, inscritos no próprio código. Contando,

	também, com ferramentas de busca e redocumentação que garantem os rastros digitais.
Imprevisibilidade	Devido à programação algorítmica do ambiente digital, os tecnodiscursos são imprevisíveis para os enunciadores humanos, já que tanto a forma, como o conteúdo desses discursos são mediados pelo que a máquina considera, ou não, relevante para os usuários.

Fonte: Elaborado pela autora.

No que diz respeito à argumentação polêmica, com base em Amossy (2017), construímos dois esquemas verbo-visuais para representar os possíveis circuitos perspectivistas que podem ser percebidos em polêmicas, como pode ser visto nos esquemas 1 e 2, a seguir:

Esquema 1 – Confrontos democráticos



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse primeiro esquema, o discurso polêmico se mostra envolto em posições antagônicas pautadas em confrontos democráticos, como forma de se argumentar em prol de um ponto de vista. Nesse *continuum* sócio-discursivo, o dissenso se apresenta enquanto “o motor incontestado da democracia” (Amossy, 2017, p. 19), pois busca convencer o outro em uma interação verbal mediada por um assunto de interesse público.

Esquema 2 – Confrontos violentos



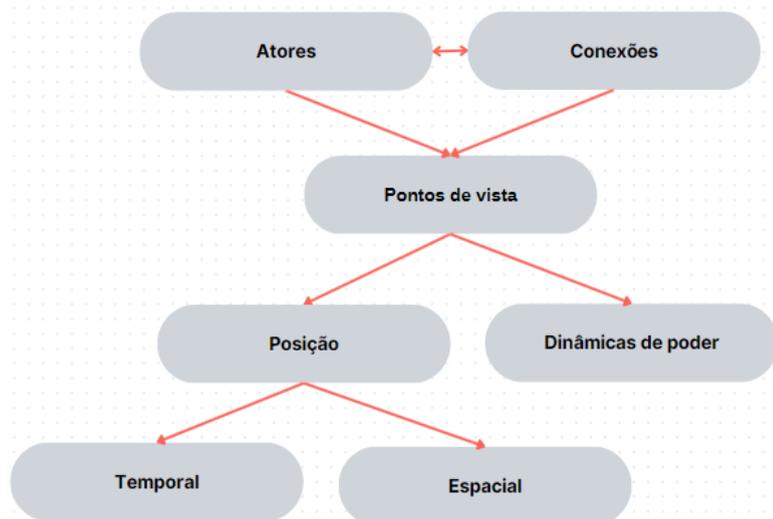
Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse segundo esquema, tentamos representar as relações pelas quais o discurso polêmico pode inserir-se em um campo violento de ataques e de desqualificação do outro, como forma de eliminar um adversário, o que recai, muitas vezes, na ciberviolência discursiva. Na representação acima, percebe-se que o adversário se torna um inimigo que, em situações extremas, é diabolizado por aquele que quer derrotá-lo, em um “condenação à morte simbólica” (Amossy, 2017, p. 61).

3.2 Investigação perspectivista de análise de redes

Para analisar as relações discursivas em rede nas quais esses discursos foram produzidos e ampliados, desenvolvemos procedimentos metodológicos voltados para o ecossistema digital, em especial as redes sociais. A partir da investigação perspectivista de análise de redes, como proposto por Malini (2016) e Recuero (2009), produzimos o esquema 3, a seguir, considerando os três aspectos do perspectivismo em rede trazidos por Malini (2016): (i) pontos de vista; (ii) posição; (iii) dinâmicas de poder; e o conjunto de dois elementos que, segundo Recuero (2009), definem uma rede social: (i) atores; (ii) conexões.

Esquema 3 – Perspectivismo em rede



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse esquema, buscamos representar as teias digitais que estão envoltas nas interações discursivas em rede, como forma de delimitar uma metodologia que considere os aspectos necessários para esse tipo de análise, principalmente no que concerne aos cronotopos¹¹ desses discursos:

as redes temporais são fundamentais para definir a evolução dos sentidos que uma opinião ou pensamento são fabricados nas redes. Ter o entendimento das motivações e intensidades das interações numa rede, no tempo, é fundamental para que as pesquisas em redes sociais não coadunem com as ilusões de ótica que, com frequência, são reproduzidas em visualizações mercadológicas de grafos de redes sociais, sedentos por apontar o dedo, ao final, para os perfis "influenciadores" da rede, a partir da popularidade de suas mensagens ou do poder de conexão que possuem (Malini, 2016, p. 12).

Isso evidencia que as partes demonstradas no esquema 3 mantêm total diálogo entre elas, de modo que as interações e conexões entre os usuários da rede perpassam noções de tempo, espaço e poder. É nesse sentido que as redes sociais demonstram que o fluxo de informações veiculadas requer considerar o ambiente enquanto um todo, visto que a abordagem metodológica deve ter seu foco “na

¹¹ Tendo suas discussões conceituais iniciadas na obra *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*, por Bakhtin, compreende-se como cronotopo o tempo e espaço enquanto aspectos inseparáveis em um todo concreto. Isso significa que não existe um único cronotopo, apenas uma relação espaço-temporal. Esse fato decorre das diferentes possibilidades do agir do sujeito, da concretização do agir nas diferentes esferas da atividade (Oliveira; Pereira, 2022).

estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões” (Recuero, 2009, p. 24).

3.3 Seleção do *corpus* de análise

Para analisar tais concepções, utilizamos a plataforma *Instagram* como ambiente a ser estudado, mediante publicações e comentários que compuseram a análise. Assim, realizamos a pré-análise do ambiente, direcionando o estudo exploratório para questões voltadas à ciberviolência discursiva que são pontuadas pela própria plataforma. Após essa etapa inicial, selecionamos os perfis verificados @hugogloss, @alfinetei e @choquei, por meio dos critérios abaixo:

Quadro 3 – Critérios de seleção

(01)	Alto engajamento nas redes sociais
(02)	Informatividade de acontecimentos atuais
(03)	Propagação de debates/polêmicas

Fonte: Elaborado pela autora.

3.4 Formação das categorias de análise

A partir da etapa de seleção, realizamos a primeira categorização, exposta por meio de um quadro comparativo-analítico entre os perfis. Nesta categorização, os perfis foram analisados mediante três características, de modo a pontuar as similaridades e diferenças entre eles:

Quadro 4 – Análise formal dos perfis

(01)	Gráficas/semióticas
(02)	Discursivas
(03)	Interacionais

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda categorização, por sua vez, contou com análises individuais de cada perfil, nos quais foram selecionados 60 *posts* (20 de cada perfil) para compor o corpus expandido, com o intuito de categorizar qualitativamente os três perfis. Após analisar os 60 *posts* que compuseram o corpus expandido, escolhemos apenas os perfis @choquei e @alfinetei para tecer considerações sobre as polêmicas desqualificadoras e o tecnodiscurso, pois evidenciaram melhor o nosso objeto de pesquisa devido maior incidência de polêmicas desqualificadoras. Desse modo, para exemplificar a análise, expusemos 4 (quatro) publicações completas, com seus respectivos comentários (3 da @choquei e 1 da @alfinetei).

A terceira, e última, categorização contou com um quadro teórico-metodológico, no qual expusemos, de forma analítica e interpretativista, o cruzamento que percebemos entre as concepções das obras de referência que compuseram nosso arcabouço teórico e os resultados coletados, a partir da observação das interações no *Instagram*. Por fim, apresentamos reflexões sobre as possibilidades de um letramento crítico-digital a partir das polêmicas desqualificadoras em redes sociais, nas aulas de Língua Portuguesa, tecendo considerações sobre as publicações e suas possibilidades de fomento para reflexões pedagógicas.

3.5 Dispositivos de análise

Sob esta ótica, a investigação apresenta, fundamentalmente, caráter qualitativo, com base no que Lessard-Hébert; Goyette; Boutin (1990) defendem como princípios para esse tipo de pesquisa. Como métodos de análise, foi necessário desenvolver recursos e procedimentos teórico-metodológicos que se adequassem ao ambiente digital, como a utilização da ferramenta *print screen*, por meio de *iphone* pessoal, para coletar os *posts*, e do *Google drive*, para armazenar o *corpus* e os textos-base, como pode ser visto abaixo:

Figura 1 – Pasta de arquivamento no *Google Drive*.



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir dos quadros teórico-referenciais de base, da elaboração de instrumentos e critérios para coleta de dados em redes sociais e das categorizações que compõem a metodologia, repensamos as formas de análise do discurso e do texto, visto que, no digital, há um imbricamento entre máquina e ser humano, ultrapassando a dualidade linguística defendida por certas vertentes estruturalistas dos estudos da linguagem. Nesta metodologia de análise, consideramos a língua enquanto dialogicidade e interatividade, o que já é defendido por Volochinóv ([1929]2017), em sua abordagem sobre a interação social, e demonstramos uma nova face das polêmicas desqualificadoras, que, em ambiente digital, estão circunscritas em uma intenção comunicativa e discursiva que só pode ser percebida a partir de uma visão pós-dualista da linguagem. Desse modo, faz-se necessário considerar essas novas formas de interação como possíveis objetos de ensino das aulas de língua, fomentando reflexões sobre tais práticas sociais cotidianas da atualidade, na sala de aula.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 O ecossistema *Instagram*

Em março de 2010, Kevin Systrom e Mike Krieger idealizaram e criaram o *Burbn*, um aplicativo que, posteriormente, daria origem ao *Instagram*. Entretanto, devido à complexidade de seu sistema, que tinha como proposta agrupar várias funções como criar fotos, realizar *check-in* e anunciar planos para o fim de semana, o projeto não foi adiante. Isto fez com que seus criadores buscassem uma opção mais facilitada, dando início ao *Instagram*, em outubro do mesmo ano. Inicialmente, a rede surgiu como um tipo de álbum de fotos virtual, tendo ferramentas, até então

inovadoras, de adição de filtros e compartilhamento em redes vizinhas - a exemplo do *Facebook* e *Twitter*. Por isso, as interações entre os usuários não costumavam ser realizadas na própria plataforma, mas, sim, nessas outras redes.

Com o tempo, novas funções apareceram, possibilitando que um aplicativo até então secundário se tornasse uma das maiores redes sociais do mundo. A partir do surgimento dessas novas ferramentas, devido às atualizações, o *Instagram* toma forma de rede social, já que os usuários passam a interagir dentro da própria plataforma, por meio das postagens, curtidas, comentários, compartilhamentos e outras funcionalidades. Isso provocou, também, mudanças com relação às intenções comunicativas dos autores dos perfis da rede. Dessa forma, as transformações se mostram imbricadas às interações sociais, pois:

Desde seu planejamento, o Instagram passou por alterações que promoveram maior interação entre usuário e aplicativo, além de ser uma rede vinculada à mobilidade de um dispositivo de múltiplas funções que cada vez mais se torna indispensável ao sujeito do século XXI — o smartphone —, somando-se à instantaneidade dos recursos de compartilhamentos (Ramos; Martins, 2018, p. 121).

É nesse contexto que o *Instagram* se mostra enquanto uma das principais formas de interação humana, além do seu caráter informacional, por ser considerado um meio de comunicação e informação altamente utilizado pela sociedade atual, nos mais diversos nichos. Entretanto, assim como todo e qualquer ambiente envolto em interações humanas – e, neste caso, também não humanas –, os discursos circulados acompanham os contextos sócio-culturais da sociedade e as necessidades que surgem mediante tais contextos, como é o caso das intencionalidades cada vez mais mercadológicas por parte de perfis de grande alcance do *Instagram*. Isso porque, para além de ser apenas um ambiente de entretenimento, as redes digitais também funcionam como espaço de interação, no qual as pessoas se (re)encontram, expõem ideais e se mobilizam, ou não, em prol de um mesmo motivo (Ramos; Martins, 2018).

No que concerne às redes sociais, a tentativa de engajamento dos perfis está totalmente relacionada a intenções publicitárias, em que se pretende ter um alto alcance de usuários para a divulgação de produtos, serviços e, atualmente, de outros perfis. Considerando que “as linguagens, os conceitos e os processos da comunicação publicitária sempre foram dependentes dos meios nos quais essa

comunicação tem se aplicado” (Oliveira, 2014, p. 2), observamos que portais de fofoca se adequam a estratégias que só são possíveis devido ao ecossistema no qual estão inseridos: o *Instagram*. No intuito de alcançar maior engajamento, acarretando maiores visualizações e, conseqüentemente, propostas para divulgações, esses perfis têm apostado em *posts* que abordam temáticas polêmicas da atualidade, as quais, preponderantemente, são base para discursos que desqualificam o outro. Por isso, há um crescente número de casos de ciberviolência discursiva, facilitada e promovida por perfis que, na busca pela auto-promoção, incitam discussões que possam ser fonte de engajamento para a página.

A própria plataforma, por sua vez, se mostra contrária a discursos violentos em rede. Em um estudo exploratório, analisando sua natureza compósita e as diretrizes da comunidade, buscamos aspectos que pudessem estar relacionados às especificidades do digital e à ciberviolência discursiva mediante polêmicas desqualificadoras. Para isso, recorremos a informações disponibilizadas de forma pública pela própria rede social, como pode ser visto abaixo:

Figura 2 – *Print 1* das diretrizes de usuário da rede social *Instagram*



Fonte: Rede social *Instagram*.

Figura 3 – *Print 2* das diretrizes de usuário da rede social *Instagram*

- **Respeite os outros membros da comunidade do Instagram.**

Queremos promover uma comunidade diversificada e positiva. Removemos conteúdo que contenha **ameaças reais** ou **discurso de ódio**, conteúdo que ataque indivíduos privados com a intenção de **degradá-los ou constrangê-los**. Também removemos informações pessoais com o intuito de chantagear ou assediar alguém e mensagens indesejadas enviadas repetidamente. Geralmente, permitimos discussões fortes sobre pessoas que são noticiadas na mídia ou que possuem um público mais amplo devido à profissão ou às atividades de sua escolha.

Não é aceitável incentivar a violência ou atacar alguém com base em raça, etnia, nacionalidade, sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, religião, deficiências ou doenças. Quando um discurso de ódio for compartilhado como uma forma de confrontá-lo ou de conscientizar, poderemos permitir esse compartilhamento. Nesses casos, pedimos para você expressar as suas intenções claramente.

Fonte: Rede social *Instagram*.

Nas figuras 2 e 3, vemos que a comunidade se diz preocupada com a promoção de um ambiente seguro, inclusivo e positivo, afirmando dispor de ferramentas tecnológicas que podem auxiliar no controle de conteúdos inadequados e/ou violentos. Como referente a esses tipos de discursos violentos, Paveau (2021) e Amossy (2017) conceituam a ciberviolência discursiva e a violência verbal, respectivamente. Desse modo, em uma pré-análise, vimos que a plataforma reconhece a necessidade de um tratamento diferenciado das interações tecnolinguageiras, já que afirma-se a disponibilização de equipes e sistemas trabalhando conjuntamente no combate a abusos e violações. Assim, utiliza-se informações asseguradas pelos próprios recursos tecnológicos, como os algoritmos, e informações mediadas por seres humanos, o que demonstra a indissociabilidade entre a máquina e o ser humano que estão circunscritos no discurso digital.

Além disso, é possível observar hiperlinks que direcionam os usuários à explicação de termos específicos que estão relacionados à ciberviolência discursiva, como *ameaças reais* e *discurso de ódio*, o que nos dá uma visão global sobre como a plataforma se mobiliza frente aos modos de interação em rede, principalmente tratando-se da violência verbal. É nesse âmbito que vemos a necessidade de que as construções polêmicas em portais de fofoca com alta visibilidade sejam percebidas criticamente, pois podem, muitas vezes, incidir na ciberviolência discursiva, indo contra as diretrizes da própria plataforma. Além disso, é imprescindível que

discussões como essas façam parte das aulas de Língua Portuguesa, em que serão trabalhados tanto aspectos do digital quanto das construções discursivas, fomentando um trabalho crítico-digital do uso da língua/linguagem.

4.2 Diferenças gráficas, discursivas e interacionais entre os perfis

Como já foi por nós discutido, o discurso digital está envolto em especificidades que se diferenciam das interações que ocorrem fora da *web*, em perspectiva pré-digital, já que as formas de interação em ambiente digital pressupõem uma inter-relação entre o tecnológico (a máquina) e o ser humano. Por isso, é necessário que trabalhem essas novas formas de interação provenientes da internet a partir de uma percepção pós-dualista da linguagem, como defende Paveau (2021), utilizando mecanismos teórico-metodológicos que atendam toda a ecologia do digital.

Considerando que as construções discursivas em ambiente digital se diferenciam das realizadas fora dele, a forma, no sentido estrutural da palavra, também requer um olhar dialógico, que possa perceber as relações das partes em relação a um todo indivisível. Isso requer dizer que para analisar o tecnodiscurso é necessário observar todos os elementos que o constituem, tanto com relação às interações tecnolinguageiras, quanto aos aspectos formais que regem esse todo. Na literatura, em uma perspectiva bakhtiniana da constituição arquitetônica de uma obra literária, essa compreensão já é evidente, uma vez que o teórico exemplifica que um aspecto não deve sobrepor o outro, mas, sim, serem analisados conjuntamente:

[...] analisar uma obra a partir da concepção de sua arquitetônica descarta perspectivas que se voltam apenas a uma análise do conteúdo (dos discursos, dos temas da vida, dos aspectos culturais representados em uma obra etc.), como também aquelas que se debruçam apenas sobre os aspectos formais, quer linguísticos ou estéticos. Analisar uma obra pela perspectiva bakhtiniana da constituição arquitetônica de uma obra literária, portanto, só é possível a partir da compreensão do analista de que todos os elementos de uma obra (relacionados ao conteúdo e à forma, por meio de um material) são constituintes de um todo indivisível (Melo Júnior, 2022, p. 25).

Ainda que essa seja uma percepção voltada para os estudos da estética literária, sabemos que os estudos do Círculo não se restringem a apenas um gênero do discurso ou área teórica, podendo expandir-se para outros campos. Ao tratarmos do tecnodiscurso, essa compreensão das partes e do todo também deve se fazer

presente, já que nas construções languageiras nativas digitais estamos diante de várias particularidades que, em conjunto, fomentam modos de significação. Nesse sentido, para analisar as construções polêmicas em perfis verificados, é necessário, inicialmente, observar como eles se comportam nesse espaço-tempo não físico do ecossistema *Instagram*, de modo a perceber qual a sua natureza compósita que contribui para a constituição de um todo indivisível.

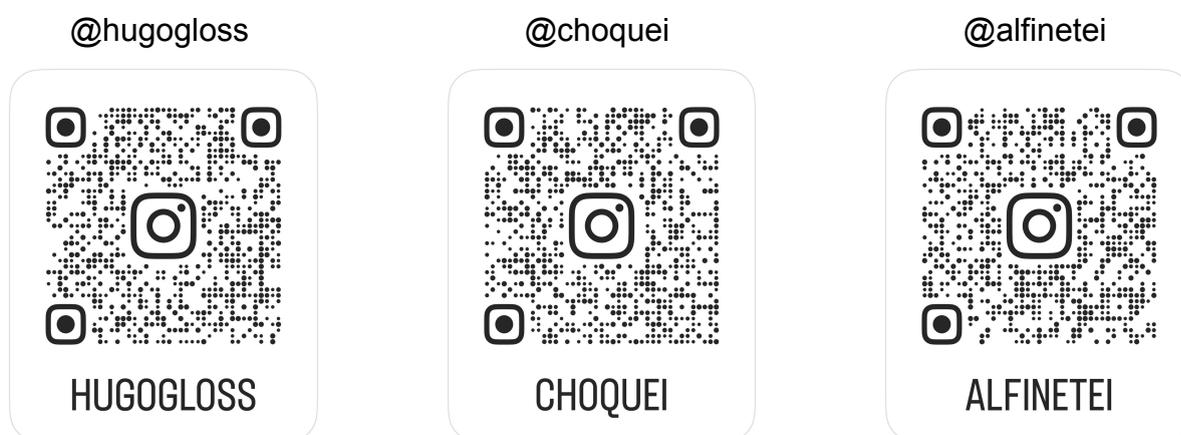
Consoante a isso, a análise formal e discursiva dos perfis que compõem o *corpus* da pesquisa se faz imprescindível, pois estamos diante de enunciadores diferentes, ainda que suas publicações abordem temas em comum. Por isso, para compreender as construções polêmicas e os movimentos de escrita de cada perfil, é preciso perceber a sua totalidade, desde os elementos gráficos, até os interacionais. Em uma análise global dos perfis selecionados, observamos que, ainda que estejam circunscritos em práticas sociais semelhantes, eles possuem especificidades que os distinguem entre si, as quais foram por nós categorizadas como: diferenças gráficas, discursivas e interacionais, que podem ser visualizadas por meio do quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Particularidades na constituição dos perfis

PERFIS	ASPECTOS GRÁFICOS/SEMIÓTI COS	ASPECTOS DISCURSIVOS	ASPECTOS INTERACIONAIS
@hugogloss	Editoração profissional em aproximação com portais jornalísticos digitais	Linguagem jornalística e pouco apelativa, com ênfase na exposição de informações	Interação pautada na troca de informações sobre acontecimentos e fatos atuais, similar aos jornais que circulam digitalmente.
@choquei	Editoração mediana, semelhança com portais de fofoca e tentativa de	Linguagem pouco formal, com foco no engajamento entre os usuários	Interação pautada no engajamento, com maior propagação de polêmicas

	aproximação portais jornalísticos digitais		desqualificadoras
@alfinetei	Editoração iniciante e semelhança com portais de fofoca	Linguagem pouco formal, com foco no engajamento entre os usuários	Interação pautada no engajamento, com maior propagação de polêmicas desqualificadoras

Fonte: Elaborado pela autora.



No quadro, é possível perceber que os perfis @choquei e @alfinetei possuem maior similaridades com relação aos três aspectos por nós elencados, isto porque os dois perfis citados possuem o *engajamento* como principal objetivo para todas as publicações realizadas. Para isso, utilizam-se do *dissenso* que as polêmicas protagonizam e de como elas instauram uma “operação de polarização” (Amossy, 2017), como método de promover comentários, debates, curtidas, favoritas e outras interações possibilitadas pelo digital. O caráter informacional, nesse contexto, demonstra-se secundário, pois o interesse maior recai na repercussão da publicação e, conseqüentemente, da autopromoção do perfil. Ainda que essas sejam, de fato, funções que mobilizam e norteiam as redes sociais, percebemos um baixo grau de confiabilidade nas informações que são passadas, já que a desqualificação do outro como forma de engajamento se mostra como uma prioridade em detrimento da veracidade das informações

Em contrapartida, ficou evidente que o perfil @hugogloss possui uma maior proximidade com o campo jornalístico, buscando a circulação de fatos do cotidiano e de assuntos de alta visibilidade. Apesar de o perfil utilizar estratégias enunciativo-discursivas que buscam alcançar um grande número de pessoas, a informatividade ganha maior força, contrapondo-se aos outros dois perfis. Nesse caso, o enunciador se mostra mais preocupado com a veracidade das informações, sem recorrer a construções tecnodiscursivas que apelam para a desqualificação do outro, ainda que tratem de temas polêmicos. Desse modo, observando os perfis, em sua totalidade, vemos que enquanto os perfis @choquei e @alfinetei estão preocupados, principalmente, com os algoritmos da rede, promovendo polêmicas que, muitas vezes, incidem na violência verbal, o perfil @hugogloss mantém uma estética e ética jornalística, tanto visualmente, quanto discursivamente.

4.3 A pergunta como recurso retórico de viralidade

Como já discutido, os perfis @choquei e @alfinetei utilizam algumas estratégias enunciativo-discursivas que buscam envolver os escritores no texto-primeiro, de modo a se colocar propositalmente em uma posição frente ao que está sendo circulado, ainda que implicitamente. Isso demonstra que a materialidade desses enunciados não é dissociada dos sujeitos integrantes dessas interações, tampouco das condições de produção, circulação e recepção dos discursos ou dos elementos sócio-históricos e ideológicos que determinam seus sentidos, pois as palavras também materializam valores, enunciam pontos de vista e concretizam o estar-no-mundo desses homens que produzem ideologia não só na atividade do trabalho, mas em qualquer ato comunicativo, nos seus mais diversos gêneros discursivos (SILVA, 2017).

Uma das estratégias por eles utilizada é a *pergunta*, a qual, ainda que pareça imparcial, mantém um posicionamento que se faz evidente quando se analisa criticamente o conjunto discursivo, demonstrando a real intenção do enunciador e o que ele espera do público. Tal afirmativa pode ser evidenciada pelas figuras 4 e 5, em que se tornam evidentes as estratégias discursivas e retóricas utilizadas, que, por meio da pergunta e de assuntos polêmicos, incitam a desqualificação do outro, como forma de engajamento:

Figura 4 – A pergunta como recurso retórico de viralidade



Fonte: @choquei.

Figura 5 – A pergunta como recurso retórico de viralidade 2



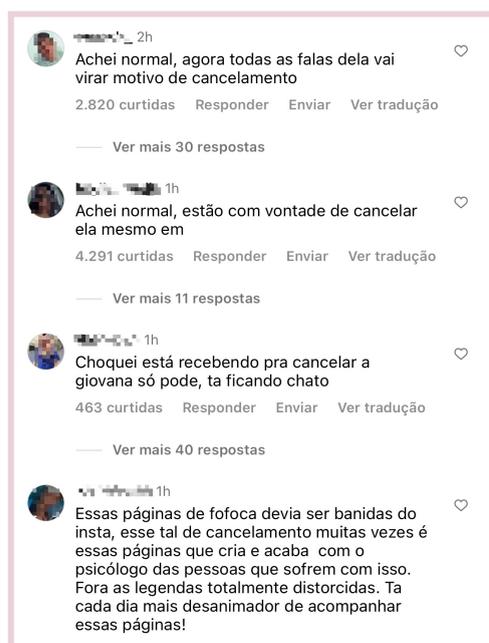
Fonte:@choquei.

Nas figuras 4 e 5, a página formula uma pergunta (*o que acharam?*) como forma de envolver os escritores na construção do enunciado em questão, utilizando-a como método para iniciar uma discussão polêmica sobre o tema central, o que aumentaria o engajamento devido à quantidade de comentários, curtidas e réplicas que seriam, intencionalmente, desenvolvidos. Esse recurso é utilizado preponderantemente pelos perfis @choquei e @alfinetei, que possuem como

elemento-chave a utilização de perguntas nas legendas de suas publicações, ou até mesmo em um comentário fixado, como forma de retomar ou inflamar a polêmica instaurada. Nesse sentido, Amossy (2017) defende que “as polêmicas atraem porque são lúdicas” (p. 8), ou seja, ainda que em um jogo argumentativo, as nuances envoltas na polêmica promovem, por si só, o engajamento, devido sua ludicidade.

Entretanto, por mais que a intenção do questionamento seja promover posicionamentos, por parte do público-alvo, que incidam na desqualificação da pessoa alvo do *post*, os próprios interactantes têm se mostrado críticos com relação a esse tipo de apelação midiática dos portais de fofoca, proveniente do padrão evidente - tanto nas construções discursiva, quanto aos temas abordados:

Figura 6 – Comentários ao *post* da figura 4



Fonte: @choquei.

Figura 7 – Comentários ao *post* da figura 5



Fonte: @choquei.

Como já aqui defendido, a polêmica pode sair do campo dialogal e democrático e partir para a troca de insultos, como é o caso das polêmicas que buscam, a todo momento, a desqualificação do outro. Nesse sentido, as figuras 6 e 7, que correspondem às publicações das figuras 4 e 5, respectivamente, demonstram de forma explícita a linha tênue entre o engajamento, por meio de polêmicas e a ciberviolência discursiva, em que os próprios usuários percebem a pergunta da publicação e a construção do enunciado como tendenciosos à cultura do cancelamento¹². Assim, percebemos que, para além da polêmica como manifestação discursiva, em forma de embate, as mídias digitais se utilizam da argumentação polêmica como forma de promover a desqualificação do outro, devido à busca incansável pelo engajamento social e às especificidades do digital, que garantem a manutenção da ciberviolência discursiva.

¹² A cultura do cancelamento pode ser considerada como uma utilização de conceitos nos jogos de linguagem jogados no interior de alguma prática social cujos conteúdos reivindicam alguma pretensão de correção, mediada por critérios identitários ou circunstanciais. Há, também, a dimensão moral, pois quem cancela parte da premissa de que é superior a quem está sendo cancelado (Camilloto; Urashima, 2020)

4.4 Especificidades do digital e desqualificação do outro

Além da polêmica ser uma das formas pela qual a ciberviolência discursiva pode ser incitada, em uma desqualificação do outro, as próprias especificidades do ambiente digital podem facilitar tais confrontos violentos. Tomando por base discussões como essas, em nossa análise, produzimos o quadro abaixo, no qual fizemos o cruzamento entre os quadros teórico-referenciais de Paveau (2021) e Amossy (2017) e alguns resultados coletados durante a análise dos perfis:

Quadro 6 – Quadro referencial

CONCEPÇÕES TEÓRICAS	MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS E DISCURSIVOS EM REDE
A ampliação enunciativa por adições e circulações facilitadas (Paveau, p. 53)	Os comentários e compartilhamentos como propagadores de polêmicas desqualificadoras e facilitadores da cultura do cancelamento
Ferramentas de busca e de redocumentação - investigabilidade (Paveau, p. 59)	A investigabilidade como facilitadora da ciberviolência discursiva e cancelamento
A polêmica como evento midiático (Amossy, p. 78)	A espetacularização e o sensacionalismo por meio de <i>emojis</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro acima, sistematizamos as considerações feitas no decorrer da análise das postagens por nós realizada, de modo a compilar e melhor organizar os entrelaçamentos entre as concepções teóricas, as metas de pesquisa e os resultados encontrados. Nas figuras abaixo, exemplificamos algumas das considerações expostas no quadro: (i) os comentários e compartilhamentos como

propagadores de polêmicas desqualificadoras e facilitadores da cultura do cancelamento; (ii) a investigabilidade como facilitadora da ciberviolência discursiva e cancelamento; (iii) a espetacularização e o sensacionalismo por meio de emojis:

Figura 8 – *Investigabilidade* e cultura do cancelamento



Fonte: @alfinetei.

Na figura 6, fica perceptível que a característica de investigabilidade, trazida por Paveau (2021), é um dos principais fatores para o provável cancelamento da participante da casa de vidro do BBB 2023, visto que as ferramentas de busca e redocumentação e os rastros digitais da internet possibilitaram que os internautas vasculhassem tuítes seus antigos, os quais são considerados polêmicos, no cronotopo atual. A partir disso, as páginas passaram a compartilhar tal informação de maneira distorcida, já que os tuítes antigos haviam sido tirados de contexto – mais um exemplo da ampliação enunciativa, que também é característica do discurso digital e pode levar à ciberviolência discursiva. A escolha pelo tema abordado também deixa explícitas as nuances axiológicas imbricadas nessa publicação, já que tanto o programa de televisão Big Brother Brasil quanto a polarização Lula X Bolsonaro estavam em evidência no seu contexto de produção, comprovando que:

o conteúdo temático (ou o tema do enunciado) não constitui o assunto, pois tal posicionamento se mostra redutor e simplifica a noção de objeto do discurso conforme propõe o Círculo. Primeiramente, entendemos que o objeto do discurso se constitui enquanto tal em uma complexa relação da realidade e as condições econômicas em dado recorte espaço-temporal. [...] Portanto, todo conteúdo temático é social, histórico, ideológico e, por conseguinte, valorativo (Pereira; Brait, 2020).

Isso demonstra que as escolhas são conscientes e possuem intenções comunicativas específicas, por parte de quem produz o enunciado. O discurso polêmico, por si mesmo, já se relaciona a demandas sociais contemporâneas e de interesse público, demonstrando seu caráter democrático, ideológico, histórico e social - quando não utilizado para atacar o oponente.

Na figura abaixo, temos mais um exemplo de como as especificidades do digital podem ser utilizadas para incentivar confrontos violentos, até mesmo por meio de aspectos imagéticos, visto que novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizam e intensificam novas possibilidades de textos/discursos que ampliam a multissemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos (Rojo; Moura, 2019):

Figura 9 – Caráter passional da polêmica



Fonte: @choquei.

Figura 10 – Espetacularização e padrão semiótico



Fonte: @choquei.

As imagens 9 e 10 fazem parte da mesma publicação, sendo a imagem 9 o texto-primeiro e a imagem 10 uma ampliação discursiva desse texto. No primeiro exemplo, há um diálogo entre duas participantes do Big Brother Brasil, em que falam sobre um terceiro participante que estava recebendo boa aceitação pelo público devido às suas atitudes. No segundo exemplo, vemos novamente a recorrência da pergunta como mecanismo retórico para promover engajamento/viralidade e, nesse caso, instruindo os usuários a escolherem um lado (Bruna ou Larissa), apesar de o diálogo das duas não indiciar, naturalmente, uma polarização de posicionamentos, pois se tratava de um diálogo comum. Com o questionamento (*Vocês preferem a Larissa ou a Bruna?*), há um apelo quase que emocional/pessoal, em um “caráter passional da polêmica” (Amossy, p. 62), gerenciando o debate por meio de emoções.

A figura 7 também exemplifica o sensacionalismo semiótico que os *emojis* podem promover em ambiente digital, já que o enunciado em questão não sinaliza em nada sobre algo perigoso, que requeira a ação policial, e ainda assim a sirene é utilizada, como forma de espetacularizar o discurso, por meio de aspectos multissemióticos que são intrínsecos à natureza compósita do digital. Assim, também, como o “*BOA LARISSA!*”, que está em caixa alta, seguido de emojis de palmas, já demonstrando o posicionamento do enunciador frente ao questionamento que ele fez posteriormente ao público, nos comentários. Tais percepções só são

possíveis ao se fazer as interlocuções teóricas entre a Análise do Discurso Digital e a Argumentação Polêmica, concebendo práticas de linguagem que são envolvidas por um letramento crítico-digital.

4.5 Possibilidades para um letramento crítico-digital nas aulas de Português

É inegável o fato de que trabalhar as mídias digitais pedagogicamente se tornou uma demanda urgente na sociedade contemporânea, devido à aceleração com que novas tecnologias surgem e ao uso desregulado e, muitas vezes, inapropriado dos novos meios de interação. Diante de panorama, pensar em um letramento crítico-digital é, dessa forma, inscrever-se em uma prática ecológica de linguagem, em que a reflexão não se torna estanque, pois acompanha as nuances sócio-históricas de cada era:

Os temores de hoje, em relação ao computador e à Internet, lembram certa nostalgia do papel e do lápis, mas a convivência entre as mídias num sistema de mídias é que torna o conceito de letramento pertinente. As pessoas, em sociedade, devem ampliar seus gestos de ler e escrever e isso não quer dizer que devam trocar uns pelos outros, embora isso possa ocorrer diante de certas técnicas facilitadoras. O ideal é que alarguemos nossos horizontes, nos apropriemos das possibilidades que existem e sejamos competentes na maior parte delas. Se há quem pense que é preciso ler e escrever primeiro no papel para depois chegar às telas, também há quem pense que nada disso tem regras rígidas. Se o mundo oferece as possibilidades de papel e de cristal líquido, então é bom que o leitor saiba que pode ter o domínio de todas (Ribeiro, 2009, p. 30).

Ainda que essa seja uma reflexão anterior à popularização das redes sociais, as postulações permanecem atuais. A necessidade de ampliação dos horizontes ainda se faz presente hoje em dia, assim como a percepção de que é necessário dominar as regras de determinadas práticas interativas de escrita e leitura para conseguir entender, de fato, suas significações. Para tratar do ambiente digital, por exemplo, é necessário entender que um aspecto importante de sua natureza compósita é a presença das diversas semioses para construção dos sentidos (imagens, emojis, texto escrito etc.), pois devemos perceber os gêneros e textos enquanto multifacetados e flexíveis, principalmente nesse ambiente. São percepções como essas que devem estar no cotidiano escolar, visto que:

propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social e despertam seu interesse e sua identificação com as TDIC. Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes (Brasil, 2018, p. 487)

Assim, ao demonstrar as possibilidades de perceber os aspectos que são constitutivos da polêmica, em ambiente digital, provocamos um trabalho reflexivo e crítico diante das polêmicas desqualificadoras, que muitas vezes incidem na ciberviolência discursiva, e das especificidades do tecnodiscurso que estão imbricadas nessas interações. Isso porque é inegável o fato de que partir daquilo que o aluno já conhece, em suas práticas reais cotidianas, possibilita uma ampliação e maior aprofundamento das práticas de leitura, além de permitir um maior interesse do aluno pelo que está sendo posto:

A formação de leitores, no contexto atual, exige que a noção dos multiletramentos seja levada em consideração no processo de ensino/aprendizagem, haja vista a repleta quantidade de leituras diversas que circulam no meio social e que necessitam ser interpretadas. A capacidade de atribuir sentido a essa variedade de textos requer a compreensão das múltiplas semioses constituintes dos significados textuais, os quais são construídos também pela hibridização das diversas culturas que permeiam as interações sociais (Santiago; Lima-Neto, 2019, p. 254).

Nas descrições e interpretações realizadas nesta pesquisa, identificamos métodos específicos para a análise do tecnodiscurso, que discorrem sobre essa hibridização e variedade semiótica dos textos – tanto no campo linguageiro, quanto no campo tecnológico. Ao levar para a sala de aula tais reflexões e possibilidades de leitura, há a inserção da cultura digital, elucidada pela BNCC, por um viés crítico.

Por isso, o trabalho teórico-metodológico com polêmicas desqualificadoras, em perfis do ecossistema *Instagram*, possibilita um ensino integrador, em que são consideradas as características do ambiente digital e a dimensão crítica do discurso polêmico. Desse modo, as redes sociais, utilizadas no dia-a-dia dos discentes, terão seus horizontes ampliados, de modo a confrontar práticas digitais que, muitas vezes, são feitas de maneira acrítica e irresponsável por parte dos alunos. Além disso, com a mediação docente, os alunos poderão perceber suas práticas tecnolinguageiras

cotidianas como mecanismo do ensino-aprendizagem, pondo-os enquanto sujeitos protagonistas da sala de aula e pertencentes ao ambiente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que os estudos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, em perspectiva pré-digital, sejam indispensáveis para se pensar e compreender as interações languageiras em sociedade, é necessário que nos voltemos para as mudanças sociais que refratam novos modos de enunciação e construção discursiva. Ao nos depararmos com as novas formas de interação, necessitamos também de novos modos e metodologias de análise, já que trabalhar a língua enquanto um sistema puramente linguístico não comporta a sua complexidade. É nesse sentido que pudemos perceber a necessidade de ultrapassar percepções logocêntricas, nas interações discursivas em ambiente digital, que veem a linguagem enquanto um centro de significação auto-suficiente, sem considerar os demais aparatos que também fazem parte das interações e construção de enunciados.

Considerando a inserção, cada vez mais abundante, das TDIC nas interações cotidianas dos sujeitos, entendemos ser necessário ampliar as concepções de linguagem que comportam, apenas, a dimensão linguística dessas tecnologias, sem considerar suas características próprias. Isso porque o funcionamento tecnodiscursivo, bem como o compartilhamento e a disseminação viral de determinados discursos on-line, implica repensar a concepção, até então adotada, de enunciação, que tem por base a relação locutor-interlocutor-tempo-espço (PAVEAU, 2021).

No digital, as noções de locutor, interlocutor, tempo e espaço são afetadas, pois o comportamento dos interactantes e as construções discursivas se realizam de maneira diferente do pré-digital. Essa diferenciação está pautada na sua natureza eminentemente compósita, em que os discursos nativos da *web* são relacionais e produzidos em um tempo-espço não físico, sendo necessário considerar aspectos como a composição, deslinearização, ampliação, investigabilidade, relacionalidade e imprevisibilidade – que estão imbricados nessas construções tecnodiscursivas.

Ao pontuar que o ecossistema digital pressupõe um novo método de análise, dialógico e pós-dualista, afirmamos que certos padrões só são evidentes e possíveis neste ambiente, visto que as características do tecnodiscurso promovem e facilitam determinados modos de ação e interação, bem como certos posicionamentos. Na análise, por exemplo, observamos que as especificidades do digital facilitam/promovem a ciberviolência discursiva na rede social *Instagram*, a qual, na maioria das vezes, está pautada na desqualificação do outro.

Ao analisarmos os *posts* das páginas selecionadas, identificamos que o discurso polêmico é utilizado para obter engajamento na rede, por meio de comentários, curtidas, compartilhamentos e outras interações. Na tentativa de promover as páginas, os responsáveis pelos perfis recorrem às sequências de instruções da própria rede, como os algoritmos. Por isso, ao compreender que as publicações com mais interações são impulsionadas por esse sistema de cruzamento de informações do *Instagram*, os portais de fofoca recorrem a situações que possam suscitar a mobilização dos usuários, como as polêmicas.

Nesse sentido, identificamos que, ainda que as polêmicas sejam modalidades argumentativas, inseridas em um campo democrático, elas podem ser utilizadas como mecanismo de autopromoção e engajamento em rede, podendo sair da esfera democrática e declinar para confrontos violentos. Sendo assim, pudemos perceber que as polêmicas desqualificadoras possuem um papel primordial nessa busca infundável por engajamento, devido ao seu caráter altamente lúdico, em que novas pessoas e novos pontos de vistas são adicionados ao texto-fonte (ou postagem-fonte), por meio da interação em rede.

No que tange ao ensino de Língua Portuguesa, reiteramos a necessidade da realização de uma abordagem crítica em sala de aula, de modo que os estudantes sejam considerados seres pensantes que necessitam de mediação para entender, criticamente, as interações, em suas práticas tecnolinguageiras. Elucidamos, também, que as TDIC devem estar presentes nessas discussões, pois, além da BNCC (2018) já apresentar a necessidade de uma “educação digital”, as TDM têm estado, cada vez mais, presentes na vida de crianças e adolescentes, sendo dever da escola inserir na sala de aula as práticas reais da vida desses alunos, na medida do possível.

Nesse sentido, reconhecemos que nessas práticas cotidianas os alunos estão sempre em contato com polêmicas desqualificadoras, em ambiente digital, mesmo que sem, muitas vezes, reconhecê-las. Normalmente, as construções discursivas polêmicas que incidem na ciberviolência discursiva, ou no *cyberbullying*, como trazido pela BNCC (2018), são tomadas com naturalidade por parte dos estudantes, que muitas vezes não percebem os posicionamentos violentos envolvidos nas interações tecnolinguageiras de redes sociais. Devido a isso, a BNCC (2018) já identifica a necessidade de trabalhar pedagogicamente esses confrontos discursivos que incidem na violência verbal, apontando a possibilidade de a escola ajudar na formação crítica do aluno:

Em que pese o potencial participativo e colaborativo das TDIC, a abundância de informações e produções requer, ainda, que os estudantes desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas (*fake news*), de pós-verdades, do *cyberbullying* e de *discursos de ódio* nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias (Brasil, 2018, p. 488, *grifos nossos*).

É nesse contexto que se faz necessário conceber, em sala, a integração entre o ambiente digital e a percepção crítica de seu funcionamento e construção tecnodiscursiva. Assim, pontuamos que há um *continuum* no desenvolvimento de habilidades de percepção crítica sobre os discursos digitais e seu ecossistema, no intuito de promover um letramento crítico-digital por parte dos educandos. Essa percepção está relacionada ao fato de que não há a possibilidade de haver um letramento digital responsável sem que sejam desenvolvidas noções críticas acerca de seu funcionamento e de suas interações, já que o entendimento do comportamento dos discursos pré-digitais é insuficiente para compreender o discurso nativo digital.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. F.; VIANA, J. S. V. Dialogismo. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (orgs.). *Diálogos em Verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 51-55.

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Trad. Rosalice Botelho, Wakim Souza Pinto [et al]. Coord. da Trad. Mônica Cavalcante. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. 3ª versão. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

CAMILLOTO, B.; URASHIMA, P. Liberdade de expressão, democracia e cultura do cancelamento. *Revista de direito da faculdade Guanambi*, Guanambi, v. 7, n. 2, jul./dez. 2020. ISSN 2447-6536. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/RDFG/article/view/13941/7747>. Acesso em: 22 ago. 2023.

CAVALCANTE, M. M. *et al. Linguística textual e argumentação*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

JANKS, H. A importância do letramento crítico. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 34, n. 1, jan./jun. 2018. DOI: 10.14393/LL63-v34n1a2018-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/42961/22428>. Acesso em: 13 jul. 2023.

LESSARD-HÉBERT, M. GOYETTE, G. BOUTIN, G. *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Éditions Agence d'ARC, 1990.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In: *Encontro Anual da COMPÓS*, 25, Goiânia, 2016. Anais. Goiânia: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2016. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4089/3400>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MARCUSCHI, L. A. (orgs.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica: 2007.

MARCUSCHI, L.A. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO JÚNIOR, O. M. B. Arquitetônica. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (orgs.). *Diálogos em Verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 23-27.

OLIVEIRA, A. M.; PEREIRA, R. A. Cronotopo. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (orgs.). *Diálogos em Verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 45-49.

OLIVEIRA, Y. R. O Instagram como uma nova ferramenta para estratégias publicitárias. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 16., 15 a 17 maio 2014, João Pessoa. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/30633>. Acesso em: 19 ago. 2023.

PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organizadores da tradução: BARONAS, R. L.; COSTA, J. L. Campinas: Pontes, 2021.

PEREIRA, R. A.; BRAIT, B. A valorização em webnotícias direcionadas às mulheres. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 89-107, jul./set. 2020.

- PEREIRA, S. V. M. *O objeto discurso no ensino de língua portuguesa: noções teóricas e suas reconfigurações na constituição de um objeto ensinável*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- RAMOS, P. É. G. T.; MARTINS, A. O. M. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. *Texto digital*, v. 14, n. 2, p. 117-133, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2018v14n2p117/38182>. Acesso em: 19 ago. 2023.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. *Revista da Abralin*, [s. l.], v. 8, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1002/928>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- ROJO, R.; MOURA, E. *Letramentos, mídias e linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019
- SANTAELLA, L. *Humanos hiper-híbridos: linguagens e culturas na segunda era da internet*. São Paulo: Paulus, 2021.
- SANTIAGO, L. N.; LIMA-NETO, V. A. BNCC e a abordagem dos multiletramentos no ensino de Língua Portuguesa. In: LIMA, A. M. P.; FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; SOUZA, J. M. R. (orgs.). *Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2019.
- SEARA, I. R. Ligações vertiginosas: violência verbal em ‘comentários’ nas redes sociais. *Calidoscópio*, [S. l.], v. 19, n. 3, 2021, p. 385-397.
- SILVA, C. G. Um olhar dialógico para a polêmica na imprensa: os sentidos de “maconha” nas capas de revista. Orientador: Maria Célia Mendonça. 2017. 255 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.
- SOARES, M. Letramento e Alfabetização as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, 2004.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. Ensaio introdutório de Grillo, Sheila. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].